

3 SETH – PERCURSO INTELECTUAL:

3.1 APROXIMAÇÕES ENTRE SETH E MANOEL BOMFIM

3.1.1 A Defesa do Nacionalismo e da Igualdade Racial A Defesa da Educação

Em nosso estudo, faz-se necessário perceber qual filiação intelectual, metodológica e histórica está vinculado a obra de Seth, em particular, as duas obras citadas e analisadas no capítulo anterior: “Meu Brasil - Mapas ilustrados mostrando homens e fatos de nossa Pátria” (1933) e “O Brasil pela Imagem” (1943).

Nesse sentido, cabe destacar a influência que exerceu o pensamento de Manoel Bomfim na obra e no ideário artístico e profissional do caricaturista Seth. E aproveitar o ensejo para fazer um estudo comparativo de algumas idéias e conceitos preconizados por ambos, transcrevendo e comparando determinadas passagens das suas obras.

É importante ressaltar que, embora, a obra de Seth, “Meu Brasil - Mapas ilustrados mostrando homens e fatos de nossa Pátria” não apresente o caráter ufanista de sua obra posterior, “O Brasil pela Imagem - Quadros expressivos da formação e do progresso da pátria brasileira desenhados a bico-de-pena”, muito do seu caráter didático e de sua concepção pedagógica, como o próprio caricaturista admitia, teria a influência de Manoel Bomfim.

A parceria profissional entre esses autores foi ressaltada pelo próprio Seth na introdução de sua obra “Meu Brasil - Mapas ilustrados mostrando homens e fatos de nossa Pátria”, publicada em 1933, e que obteve sucessivas reedições. E também na imprensa, como podemos observar na matéria publicada “Uma Bela Criação do artista Seth”, na revista “O Malho”, em 07 de maio de 1936:

“Realizando uma profícua tarefa patriótica, O Tico-Tico está publicando o ‘Grande Concurso Patriótico – Quadros da Nossa Pátria’ dando em todas as suas edições belíssimos quadros coloridos de assuntos da história pátria. Esses quadros são de autoria do culto artista patricio Seth, que durante vinte anos de preocupação e estudo vem coligindo material necessário para organizar e desenhar a grande série de quadros, em que se estampam os fatos importantes da vida brasileira. Seth criou tais quadros dando-lhes forma clara, objetiva, metódica, sugestiva, capaz de fixar na inteligência das crianças os

aspectos mais significativos da nossa história. O artista Seth, em assuntos no gênero, não é um iniciante, pois, em comunhão com o saudoso educador Manoel Bomfim, realizou, com êxito, os primórdios do interessante trabalho que O Tico-Tico está vulgarizando entre os seus milhares de leitores. Os “Quadros da nossa Pátria”, que constituem parte do Grande Concurso patriótico d’O Tico-Tico, foram adaptados a um cômodo formato de álbum e mereceram dos mais eminentes mestres da história, que os examinaram, justos louvores.”¹⁷³

De fato, a idéia de aproveitar os assuntos de nossa história e contá-la aos escolares por meio de desenhos não era original. Já durante a sua juventude, Seth conheceu a que Leônidas Freire executara para os leitores mirins de “O Tico-Tico”, sob a orientação do professor Manoel Bomfim, e foi precisamente a lembrança dessa primeira tentativa que lhe despertou a vontade de fazer uma outra, mais didática, em livro especial e estilo realista. A criação de Leônidas era com caricaturas, no próprio estilo do artista.

Desde os tempos de “A Imprensa” e das “Oficinas Progresso”, de Alcindo Guanabara, entre os anos de 1912-1913, Seth fizera-se amigo do educador Manoel Bomfim, para quem já produzira desenhos e ilustrara livros. Segundo ele mesmo lembra, isso ocorreu durante o tempo em que o Dr. Manoel Bomfim dirigia as Oficinas Progresso, e quando ele quis experimentar em cores a grande rotativa que lá havia.¹⁷⁴ Seth já tinha alguns trabalhos históricos experimentais feitos, procurou-o e expos-lhe o seu plano. O caricaturista lembra então: “A empresa, porém, por ser trabalhosa e exigir pacientes estudos, não era de fácil cometimento. Mas talvez isso mesmo me atraía.”¹⁷⁵ Com relação aos seus primeiros ensaios de uma História do Brasil em desenhos, Seth deu início a esse tipo de trabalho entre os anos de 1915 - 1916. “Até então, os livros juvenis de história-pátria, continuavam mais ou menos os mesmos de meu tempo de escola primária” – comentava.¹⁷⁶

Seth recorda o amigo, professor e incentivador de sua obra: “Bomfim – homem público de vasta cultura, imensa capacidade e energia era um revoltado, vivendo, nesse tempo retraído, a margem de certas tendências políticas administrativas e culturais de então, que não mereciam o perdão de seu senso

¹⁷³ “Uma Bela Criação do artista Seth”. **O Malho**, 7 de maio de 1936.

¹⁷⁴ SETH, Reminiscências de. Nas Asas da Memória – Viagem de um artista em torno de si mesmo. **Gazeta de Notícias**, edição de 10/8/1947. p. 3

¹⁷⁵ **Idem.**, p. 3

¹⁷⁶ **Ibid.**, p. 3

crítico. Dele, que era um nacionalista extremado, recebi não só todo o estímulo intelectual e moral, para o que eu pensava fazer, como ainda me sugeriu um maior desenvolvimento da idéia para um plano mais vasto, que abrangesse a execução de grandes quadros murais que pudessem, no ambiente escolar, estar sempre à vista da mocidade.”¹⁷⁷

Entretanto, esses ensaios de nossa história ilustrada não tiveram naquele momento um rumo continuado como só mais tarde Seth conseguiu dar-lhes. Eram feitos nos intervalos das folgas de trabalho cotidiano e muitas vezes abandonados devido as obrigações profissionais do artista. Não obstante, segundo o autor, ele deu pressa a começar a realização do plano sugerido por Bomfim, para o qual supunha conseguir, de início, apoio oficial, executando dois quadros grandes: A Morte do Bandeirante Fernão Dias e a Rendição dos Franceses no Maranhão. Com esses trabalhos foram, Bomfim e Seth, mais tarde, ao Presidente Epitácio Pessoa, que lhes recebeu muito bem. Bomfim falou e expôs o plano, e o presidente gostou e prometeu...¹⁷⁸

Em seguida a esse primeiro passo, Seth resolveu ir a São Paulo em busca do mesmo apoio. Guardava desse episódio a lembrança de algumas cenas que gravaram para sempre em sua memória. A primeira foi a carinhosa recepção que teve do senador paulista Álvaro de Carvalho, em sua própria residência, e cujo interesse por esse esforço resultou, depois de uma cordial palestra, em uma substancial e extensa carta de recomendação para o então Secretário da Educação do Estado paulista, Oscar Rodrigues Alves. Porém, Seth não conseguiu de início seu intento:

“Moço e inexperiente, como então era, e sobretudo pouco adestrado como ainda sou, em tudo que diz respeito a consecução de apoio oficial – eu tinha que fracassar como fracasei. Por isso, a terceira lembrança que me ficou dessa viagem, talvez a mais poética e sentimental, foi a da véspera de meu regresso ao Rio, quando, desiludido e cansado das idas e vindas e das atenções artificiais nas repartições públicas do grande Estado – (...) sentado no banco de um jardim e ouvi a valsa ‘Sangue de Artista’, de Lehar, executada pela orquestra de um cinema próximo... Recordação agradável que nunca mais se apagou de meu espírito, sempre que ouço essa deliciosa música. Como se vê, essa viagem nada me rendeu de substancial e prático; apenas me proporcionou este motivo de saudade que agora

¹⁷⁷ **Ibid.**, p. 3

¹⁷⁸ SETH, Reminiscências de. Nas Asas da Memória. **Gazeta de Notícias**: Edição de 10/8/1947, p. 3

aqui registro. Em todo o caso, reconheço que não devo ser mau para comigo mesmo, censurando a improdutibilidade de meus esforços, naquela época, e a inaptidão própria da idade no ambiente em que vivia. Enrolei a minha idéia, guardei-a na gaveta do futuro, e acabei me esquecendo desse primeiro insucesso. Mas fui compensado, mais tarde, quando em 1933, com um senso mais prático, lancei e obtive êxito popular com a publicação do álbum ‘Meu Brasil’, para escolares, que hoje se acha na 7ª edição.”¹⁷⁹

Assim sendo, se por um lado houve a oportunidade de um conhecimento pessoal com o próprio Manoel Bomfim no início da década de 1910, por outro, é curioso perceber a influência da obra de Bomfim -- pensador brasileiro cujas idéias ficou a margem do foco das principais teorias sociológicas e historiográficas nas primeiras décadas do séc. XX -- justamente em outro autor, Seth, que não era especificamente (ou melhor, somente) um historiador, mas antes de tudo um caricaturista. Entretanto, tal ligação vem reforçar que o caricaturista Seth era também um historiador que levava muito a sério o seu trabalho historiográfico-pedagógico, a despeito dele mesmo humildemente auferir que os seus livros poderiam ter algumas lacunas a serem reparadas no futuro. Tal curiosidade levantada pode ser confirmada na transcrição de uma passagem contida no clássico “O Caráter Nacional Brasileiro”, do historiador e ensaísta Dante Moreira Leite, capítulo “Prenúncios de Libertação”, que analisa o esquecimento que sofreu a obra de Manoel Bomfim:

“Mas a razão fundamental para o esquecimento de sua obra decorre do fato de Manoel Bomfim estar adiantado com relação aos intelectuais de seu tempo, ou do fato de ser capaz de propor uma perspectiva para a qual esses intelectuais não estavam preparados. Nacionalista num período de pessimismo, em que os intelectuais só discordavam quanto às razões de nossa inferioridade como povo, mas não dessa inferioridade; socialista, num período em que os nossos intelectuais, direta ou indiretamente, estavam seduzidos pelas realizações de Mussolini na Itália, Manoel Bomfim não poderia ser compreendido. Além disso, Bomfim tentava conciliar nacionalismo e socialismo, o que, para grande parte do pensamento de esquerda, durante muito tempo pareceu uma heresia política e teórica. No entanto, em alguns

¹⁷⁹ **Ibid.**, p. 3

momentos, suas discussões são extraordinariamente lúcidas, ligando certos aspectos do pensamento marxista ao nacionalismo.”¹⁸⁰

Doravante, é importante sublinhar tanto na obra de Manoel Bomfim quanto na obra de Seth a defesa intransigente da educação e da pedagogia como aprendizado e instrução cívico-moral, assim como, do nacionalismo e da igualdade racial (sobretudo nas caricaturas. Na parte histórica de Seth, além do registro da importância da mistura-miscigenação racial, há o reconhecimento do mestiço genial que foi Aleijadinho).

Manoel Bomfim (1868-1932) foi autor de obras atualmente consideradas clássicas no pensamento brasileiro, como “A América Latina – Males de Origem”, publicada em 1905; “Através do Brasil”, escrito em conjunto com Olavo Bilac, de 1910; “Lições de Pedagogia: teoria e prática da Educação”, de 1915; “O Brasil na América: Caracterização da Formação Brasileira” (1929); “O Brasil Nação – Realidade da Soberania Brasileira” (1931). Manoel Bomfim também fundou junto com o jornalista Luís Bartolomeu e o escritor Renato de Castro a revista infantil “O Tico-Tico”, lançada em 1905 e que obteve sucesso de público por várias gerações (revista na qual Seth publicaria o seu primeiro desenho).

“A América Latina – Males de Origem”, livro publicado em 1905 por Manoel Bomfim, fora escrito em 1903, quando o médico sergipano encontrava-se em Paris “para conhecer de perto os métodos de estudos psicológicos”. A leitura daquilo que os políticos, sociólogos e os jornais europeus escreviam sobre o continente americano causaram sua indignação. Manifesta-a com as seguintes palavras: “Como de costume sempre que se trata das repúblicas latino-americanas, os doutores e publicistas da política mundial se limitam a lavrar sentenças

¹⁸⁰ LEITE, Dante Moreira. **“O Caráter Nacional Brasileiro”**. São Paulo: Ática, 1993, p. 251
 Nota: Ronaldo Conde Aguiar, autor da biografia sociológica “O Rebelde Esquecido – Tempo, Vida e Obra de Manoel Bomfim”, refuta essa observação de Dante Moreira Leite, de O Caráter Nacional Brasileiro: “A idéia de que Manoel Bomfim estava à frente de sua época é ambígua e extravagante: afinal, sob todos os aspectos, a máquina do tempo é uma impossibilidade científica. Nem mesmo os clássicos Durkheim, Weber e Marx, cujas obras deram sustentação científica à sociologia, se situaram adiante da época em que viveram, viram o mundo e refletiram sobre ele. A genialidade dos clássicos não estava na sua suposta atemporalidade. Estava, sobretudo, na sua capacidade de compreender os meandros da realidade empírica do seu tempo, extraindo daí os elos que efetuam a mediação entre o essencial e o aparente, entre o duradouro e o temporário.” (p. 33)
 Em outra passagem, Ronaldo Conde Aguiar, diz ainda: “Manoel Bomfim não se transformou propriamente num revolucionário, ao menos no sentido dado ao termo por Florestan Fernandes. Bomfim era, antes de tudo, um reformista, que desejava a extensão das oportunidades democráticas a todos – brancos, pretos e mulatos. Aguiar, Ronaldo Conde. **O Rebelde esquecido – Tempo, Vida e Obra de Manoel Bomfim**. RJ: Topbooks, 2000. p. 41.

invariavelmente condenatórias. Ao ouvi-los, não há salvação possível para tais nacionalidades. É esta, uma opinião profundamente, absolutamente arraigada no ânimo dos governos, sociólogos e economistas europeus”.¹⁸¹ Manoel Bomfim discordava do que ouvia frequentemente na Europa: “É lastimável e irritante que, enquanto a Europa sábia, civilizada, laboriosa e rica, se contorce comprimida nestas terras estreitas, alguns milhões de preguiçosos, mestiços, degenerados, bulhentos e bárbaros, se digam senhores de ricos territórios, dando-se ao rastaqüerismo de considerar-se nações. Está verificado que eles são incapazes de organizar verdadeiras nacionalidades”.¹⁸² O estudioso sergipano percebera a contradição destas pregações: por um lado, referiam-se ao homem americano como racialmente inferior e, por outro, falavam em ricos territórios, ensejando a cobiça europeia. Também sobre o futuro da doutrina Monroe, a qual postulava “A América para os americanos”, Bomfim não tinha ilusões. Bomfim preconizava um modelo de equilíbrio organicista estabelecendo uma analogia entre o organismo animal e as sociedades humanas. Sua formação em medicina pode ser percebida na terminologia que utiliza: fala em “sintomas” e “remédios”, divide nações e classes sociais em “parasitas” (dominantes) e “parasitadas” (dominadas).

Bomfim conseguia captar em linhas gerais a problemática estrutural do continente nos aspectos que derivavam das similaridades da sua formação histórica, o que chamava “males de origem”, ou seja: a economia agrícola, o trabalho escravo e a exploração pela metrópole a que elas estiveram sujeitas. Observava, ironicamente, que tanto espanhóis quanto portugueses, sistematizaram o “parasitismo” na sua forma ideal: “uns a trabalhar e outros a engordar e a gozar”. Comentava que “o colono encontrou na escravidão o processo sonhado: algumas centenas de escravos e um chicote para cada turma – eis tudo que era preciso (...) Comprado ou vendido, o negro ou o índio era um capital: o chicote, o meio de crescer-lhe o juro e o recurso para que não se extraviasse”.¹⁸³

Manoel Bomfim compreendia a essência do sistema colonial, como se depreende das seguintes passagens: “Quem quiser estudar nas coisas a razão da não-fixação da riqueza nas nações sul-americanas, e principalmente no Brasil, há de encontrar nas tradições do comércio uma das causas mais potentes”. (...)

¹⁸¹ BOMFIM, Manoel. **A América Latina: Males de Origem**. RJ: Ed. Garnier, 1905. p. 2

¹⁸² **Idem.**, p. 3

¹⁸³ **Ibid.**, p. 131

“Mesmo as mercadorias de outros países tinham de vir para a América por intermédio do comércio das metrópoles; do mesmo modo que na Europa o comércio estrangeiro tinha de procurar entre os intermediários da península os gêneros produzidos na América. Impediam-se até as relações entre uma colônia e outra”. (...) “Os intermediários são os drenos por onde se escoam a riqueza produzida. É por isso que as nações da América Latina, depois de três séculos de produção, depois de ter visto sair de seu solo riquezas fantásticas – todo o açúcar, café, ouro e diamantes do Brasil, todo o ouro e toda a prata da América Espanhola – depois de ter produzido tanta riqueza, se achava tão pobre no dia da independência como dezenas de gerações de milhões de índios e negros não houvessem morrido a trabalhar, sob um solo fertilíssimo, semeado de minas preciosas”.¹⁸⁴

Criticava a educação meramente bacharelesca das classes dirigentes. “Certo, existem na América do Sul muitos espíritos curtidos na leitura; mas ciência de verdade, que é a ciência curtida na observação, essa não existe. (...) Podem ser contados, tão raros eles são, os livros americanos sobre coisas americanas”.¹⁸⁵ Apontava ainda o conservadorismo como o mais grave “defeito” das classes dirigentes e criticava o sistema eleitoral adotado pelo novo regime republicano: “Ao mesmo tempo, compreendo, e compreendo muito bem, que, hoje, o indivíduo analfabeto não é um cidadão completo, e que, numa democracia, todo cidadão deve conhecer os seus direitos e deveres – compreendo isto, a Constituição Republicana estabelece que: ‘só serão eleitores os indivíduos que souberem ler e escrever’. No entanto, ocorre que, no país, apenas 10% dos cidadãos sabem ler e escrever, e vem daí que mesmo quando as eleições fossem puríssimas, mesmo assim o regime estaria falseado – porque apenas 10% dos cidadãos iriam às urnas.”¹⁸⁶ Criticando Agassiz e Dally, escreveu: “Não se vê,

¹⁸⁴ **Ibid.**, p. 133 e 135.

¹⁸⁵ **Ibid.**, p. 182

¹⁸⁶ **Ibid.**, p. 226

Nota: Louis Agassiz, professor de zoologia da Universidade Harvard e considerado um grande naturalista, visitou o país entre 1865 e 1866, publicando *A Journey in Brazil* (1867). Apesar de cristão conservador e criacionista, foi também cientista e acreditava na poligenia da espécie, ou seja, que as raças humanas não se originavam de um ancestral comum. Na Europa e nos Estados Unidos, ele se aparelhou intelectualmente com as novas teorias científicas, segundo as quais os diferentes grupos humanos eram interpretados como naturalmente desiguais. O zoólogo viu na mestiçagem a perda das “qualidades físicas e morais das raças primitivas.” E escreveu: “Aqueles que põem em dúvida os efeitos perniciosos da mistura de raças, e são levados por falsa filantropia a romper todas as barreiras colocadas entre elas, deveriam vir ao Brasil”. (Agassiz, **Viagem ao Brasil**, Belo Horizonte, Itatiaia / SP, Edusp, 1975).

nos mestiços, nenhum traço fisionômico especial, novo, nenhuma modificação orgânica particular que possa ser considerada como uma regressão ancestral”.¹⁸⁷ Por outro lado, Seth, certa vez, viu no mestiço o potencial da genialidade, como destaca no capítulo “O ‘Aleijadinho’ Esculpindo em Pedra-Sabão”, em que faz um elogio à Aleijadinho, definido por ele como um “mestiço genial”, assim transcrito: “Qualquer um pode ainda admirar e compreender a ânsia de beleza e a força de expansão criadora desse mestiço genial na majestade das igrejas que construiu e na riqueza das decorações de estilo religioso que esculpiu em pedra-sabão, - relíquias que são hoje guardadas com o maior carinho.”¹⁸⁸

O médico sergipano compreendera como o sofisma estava colocado, ou seja, o que a teoria das raças inferiores significava: “A resposta a estas questões nos dirá que tal teoria não passa de um sofisma de egoísmo humano, hipocritamente mascarado de ciência barata, e covardemente aplicada à exploração dos fracos pelos fortes. (...) Os homens são iguais – escreve ele – não devem uns explorar os outros.”¹⁸⁹

Principiou por examinar os argumentos de que a submissão incondicional, a frouxidão da vontade e a docilidade servil seriam “rasgos inerentes” à raça negra: “tais qualidades são antes o efeito da situação que os colocaram – explica Bomfim –, pensem na miserável condição desses desgraçados, que ainda ignorantes, de inteligência embrionária, são arrancados do seu meio natural e transportados a granel nos porões infectos, transportados, por entre ferros e açoites, a um outro mundo, à escravidão desumana e implacável (...) Heróicos foram eles de resistir como resistiram. A história dos negros nas Antilhas, a história de Palmares e dos quilombos aí está para mostrar que não faltava aos africanos e seus descendentes, nem bravura, nem vigor na resistência, nem amor a liberdade pessoal”.¹⁹⁰ Sobre Palmares, reproduziu as palavras de Oliveira

¹⁸⁷ *Ibid.*, p. 304

¹⁸⁸ MARINS, Álvaro (SETH). **O Brasil pela Imagem**. Rio de Janeiro: Indústria do Livro, 1943. p. 76

¹⁸⁹ BOMFIM, Manoel. **A América Latina: Males de Origem**. Rio de Janeiro: Ed. Garnier, 1905. p. 287

¹⁹⁰ *Ibid.*, p. 271

Martins em Brasil Colônia, sublinhando que a Tróia dos negros foi arrasada, mas a memória dos seus heróis ficou e ficará como um nobre protesto da liberdade humana contra a dura fatalidade da natureza cujas ordens impuseram a exploração da América à condição de trabalho escravo.

De igual modo, em sua obra “O Brasil pela Imagem”, Seth vai defender a importância da assimilação do negro à sociedade brasileira e reconhecer a resistência dos negros quilombolas, considerando que na casa brasileira, no século XIX, no interior doméstico, o preto misturava-se ao branco: “A mãe-preta alimentava o sinhôzinho desde que este nascia. Os meninos brancos tinham nos pretinhos os seus companheiros de brinquedos.”¹⁹¹ Pondera ainda que os escravos tinham no Brasil uma situação melhor que a dos seus irmãos da América do Norte. E em “Dança numa Fazenda” (fig. 49), sublinha que a influência cultural dos negros à cultura e à vida cultural brasileira obteve êxito, trazendo a influência de seus costumes nativos, suas crenças, suas cantigas e danças, misturando o nosso folclore com as tradições africanas, influências que prevalecem na música, na dança, “em sobrevivências coreográficas e musicais que até o gosto moderno estilizou.”¹⁹²

Sobre os quilombos, Seth edita no capítulo “A Revolta do Escravo – Os Palmares” (fig. 50) um verso elogioso de Castro Alves à resistência dos negros, intitulado “Saudação a Palmares”. “De bravos soberbo estádio ! Das Liberdades paládio, Tomaste o punho do gládio, E olhaste rindo p’ra o val. Surgí de cada horizonte, Senhores! Eis-me de frente!”¹⁹³

Por outro lado, passando da resistência dos negros à bravura de outros tipos brasileiros, Seth e Bomfim vão redesenhar alguns arquétipos. Manoel Bomfim penetra na essência do drama de Canudos à mesma época que Euclides da Cunha publicara *Os Sertões*, comparando a bravura dos soldados de Solano López aos “fanáticos de Conselheiro”. Além do parasitismo, as nações ibéricas tem, para Bomfim, como características comuns, “uma hombridade patriótica, intransigente, irreduzível, levando os indivíduos a todos os heroísmos e

¹⁹¹ MARINS, Álvaro (SETH). **O Brasil pela Imagem**. Rio de Janeiro: Indústria do Livro, 1943.

¹⁹² **Idem.**, p. 101

¹⁹³ **Ibid.**, p. 65

resistências; a um extraordinário poder de assimilação social" (apesar de que da "hombridade patriótica", reconheceria, derivariam todos os exageros e perversões guerreiras dos povos peninsulares e, em parte, as infinitas revoltas e o caudilhismo latino-americano).

Seth também reconheceria essa hombridade patriótica e heroísmo em inúmeras passagens da vida brasileira. Esse heroísmo é lembrado por Seth também em determinadas figuras históricas brasileiras. E esse heroísmo resulta na obra "O Brasil pela Imagem" sobretudo no reconhecimento do teor de heroísmo atribuído aos homens do nosso passado e do homem brasileiro que vive em várias regiões do país, assim como, no enaltecimento de certas passagens da história brasileira. Em "A Marinha Brasileira nas Guerras do Sul" (fig. 51), lembra o papel de relevância da nossa Marinha de Guerra, que defendeu com heroísmo as fronteiras ao sul do país dos inimigos externos: "Se as imensas máquinas de guerra nos assombram, hoje, pela sua precisão e poder destruidor, força é reconhecer o magnífico valor do elemento humano daqueles tempos, sempre atento e excitado à vista do inimigo, medindo-lhe os passos e esperando a abordagem a cada momento."¹⁹⁴ As páginas da "Retirada de Laguna", "A Passagem de Humaitá – 1868" (fig. 52), e "Caxias, O Grande Herói Tranquilo" são trabalhos que exaltam a coragem e o heroísmo do homem brasileiro. Em "A Cavalaria Gaúcha na Guerra dos Farrapos – 1835-1845", reproduz conceito de Garibaldi sobre os Farrapos: "...Nunca vi em nenhuma parte homens mais valentes, nem cavaleiros mais brilhantes que os da bela cavalaria riograndense, em cujas filas principiei a desprezar o perigo e a combater dignamente pela causa sagrada das nações!"¹⁹⁵

Por sua vez, na obra "A América Latina - Males de Origem", outro comentário mordaz de Bomfim que deve ser mencionado refere-se: "A teoria da superioridade da raça branca não deixaria de ser falsa e imoral, mas não seria inconseqüente, se eles não competissem também entre si, e se, lá mesmo na Europa, não pretendessem dominar uns aos outros".¹⁹⁶ Assim, em apenas um ponto Manoel Bomfim se colocava de acordo com os teóricos da superioridade racial: "Em crueldade, raça nenhuma igualará, jamais, as brancas da Europa; esta

¹⁹⁴ *Ibid.*, p. 118

¹⁹⁵ *Ibid.*, p. 123

¹⁹⁶ BOMFIM, Manoel. *A América Latina: Males de Origem*. RJ: Ed. Garnier, 1905. p. 282

superioridade é incontestada”.¹⁹⁷ E com o mesmo olhar crítico da crueldade do homem caucasóide europeu, uma charge de Seth, datada de 1915 e publicada no “Almanaque da Noite” de 1917, intitulada “A Nova Alemanha Hoje”, mostra o militarismo alemão, e Seth transpõe para a cena e faz a caricatura, como uma licença poética, de personalidades das artes e ciências alemãs, tais como: Schopenhauer, Schiller, Wagner, Nietzsche, todos homens brancos, com um canhão que atira um míssil contra a civilização, simbolizando um momento político deste país embaralhado nas artimanhas da guerra, visto de forma negativa.

¹⁹⁷ **Idem.**, p. 309

3.1.2 - AS LIÇÕES DE PEDAGOGIA

Diagnosticando os “males de origem”, Manoel Bomfim desmistifica a ideologia colonialista e propunha o “remédio”. Considerava que só através da educação seria possível conscientizar o povo, construir a cidadania e desta forma tornar a democracia efetivamente possível. “Visto a ignorância absoluta das massas – escreve, referindo-se ao Brasil – qual o dever do Estado-República? Mandar ensinar a ler e escrever a população de analfabetos. Bem, há treze anos que existe a República, e, em todo este tempo, nenhuma voz reclamou contra este absurdo, ninguém se ocupa do assunto.”¹⁹⁸

Bomfim fazia críticas aos relatórios dos Ministros de Instrução Pública: “Quem quiser ter a impressão bem sensível dessa despreocupação, leia os relatórios dos Ministros de Instrução Pública: nem uma palavra sobre instrução popular; mesmo quanto aos ramos de ensino, nem uma nota sobre o progresso da instrução em si; reformas, programas, etc., tudo vem tratado sob o ponto de vista estritamente administrativo, sob o ponto de vista dos interesses privativos do Estado”.¹⁹⁹ Para ele, é nessas condições que vemos reduzir-se a instrução histórica à crônica exclusivamente política, ou militar – recitação de nomes de príncipes, listas de datas, indicação de casas reinantes, citadas sem discernimento, e onde se amontoam personagens banais não permitindo ao aluno o lóbrigar uma seqüência racional de efeitos, nem descobrir a linha geral do desenvolvimento necessário ao grupo social, ou a evolução das respectivas instituições.

Nesse sentido, é importante ressaltar que tanto para Manoel Bomfim como para Seth, a educação e a pedagogia tem um papel fundamental na sociedade, e que propicia o progresso e uma formação cívica-humanística. Seth, já em sua obra “O Brasil pela Imagem”, dedica página sobre a instrução pública (o que, por si só, evidencia a importância que ele dava ao tema), no capítulo “O Imperador visita uma Escola”, citando palavras da “História do Brasil” de Rocha Pombo: “A instrução popular teve nessa época, sobretudo de 1880 em diante, a sua fase de revivescência”. Para o caricaturista-historiador, “o reinado de Pedro II vê surgir luminosos nomes da nossa literatura e da nossa arte, e a instrução pública,

¹⁹⁸ **Ibid.**, p. 227

¹⁹⁹ **Ibid.**, p. 227

sobretudo a primária, constitui a menina dos olhos do monarca”.²⁰⁰

Por outro lado, ambos os autores – Seth e Bomfim - acreditam não somente na importância da leitura mas sobretudo no papel do professor. Entretanto, não defendem que o mestre em sala de aula deva moldar o caráter da criança. Tampouco preconizam a preocupação da busca da perfeição, ensejando ao próprio tempo a construção da personalidade do aluno. Para Manoel Bomfim, em sua obra “Lições de Pedagogia - Teoria e prática de Educação”:

“A educação é um fato natural, e tem de fazer-se naturalmente. Deve consistir sempre em apurar as qualidades naturais, as energias íntimas da criança. O seu objetivo não poderia ser o de criar personalidades novas e artificiais, e sim o de adaptar e apurar a personalidade que deve resultar - das qualidades herdadas e da influência do meio. E por isso que se torna perigoso, muitas vezes, dirigir a educação com a preocupação exclusiva da perfeição. Nesses casos, o programa de perfeição absoluta inspira-se sempre num modelo determinado, preconcebido, e que talvez não se possa realizar, porque não corresponde a linha essencial do caráter da criança. A obra da educação se torna, então, falha, se não pernicioso, pois que, em lugar de apurar e adaptar, deturpa o caráter natural do indivíduo, provoca revoltas, ou faz suscitar desconfianças e hipocrisias.”²⁰¹

Manoel Bomfim defende a tese de que para adaptar um indivíduo, não é de modo algum necessário transformar-lhe o caráter: “Nem isto é possível, nem seria conveniente. É indispensável, porém, estudar e conhecer as tendências naturais e características da criança.”²⁰² Dessa forma também pensava Seth, que, por sua vez, no livro “Primeiras Regras do Desenho - Conselhos Práticos aos Principiantes” (fig. 53), editado pelo Atelier Seth, preconiza: “O que aqui se encontra é simplesmente um sistema comum, em fórmulas simples, onde o ensino do desenho é orientado a começar pelos seus fundamentos naturais. As funções de um mestre ou de um método de desenho não é, decerto, criar um artista, porque o artista nasce. Mas os conselhos da experiência aos jovens que tem marcado pendor para a arte, é, pelo menos, um excelente estímulo.”²⁰³

²⁰⁰ SETH. **O Brasil pela Imagem**. RJ: Indústria do Livro, 1943. p. 151

²⁰¹ BOMFIM, Manoel. **Lições de Pedagogia-Teoria e prática de Educação**. RJ:Francisco Alves, 1915,p.27

²⁰² **Ibid.**, p. 27

²⁰³ SETH. **Primeiras Regras do Desenho - Conselhos Práticos aos Principiantes**. RJ: Atelier Seth,1933.

Dando continuidade, ainda no livro “Primeiras Regras do Desenho”, no capítulo Advertência, Seth sublinha, do mesmo modo que Bomfim, que não se deve moldar o caráter ou o futuro estilo de um aprendiz: “Não é nosso intuito nem seria de nossa competência insinuar estilos ou desviar tendências inatas. O que neste livro se pretende é apenas dar ao principiante uma orientação básica de desenho naturalista, que tanto poderá servir ao futuro grande artista como ao aspirante a simples profissional, apto a ganhar a vida com o desenho. O estilo de cada um virá com o despontar e a influência que sobre si operam o meio e a época.”²⁰⁴ É interessante notar que ambos os autores falam que a formação do caráter é produto do meio em que vive o indivíduo e sua época.

É necessário destacar ainda que Seth e Manoel Bomfim defendem a importância de uma metodologia baseada na razão e no florescimento da criatividade da criança, do aluno. Quer a razão de uma metodologia educacional, no caso de Bomfim, onde a racionalidade se estabelece como um parâmetro nas escolhas das disciplinas, com destaque para as ciências físicas, geografia e história, onde o ensino é laico por excelência (contrário, portanto, à incursão religiosa nas escolas), quer a racionalidade do ensino baseado nos cânones do desenho - chamado, no caso de Seth, de “ciência organizada” – vista de forma interdisciplinar com matérias como o ensino geográfico, histórico e das ciências naturais. Aliado a isso depara-se então a criatividade e a personalidade do aluno, cujos dotes pessoais e de talento poderão florescer. Nas palavras de Manoel Bomfim:

“Para corresponder ao seu objetivo, tem a educação de ajustar-se racionalmente, ativamente, às condições de hereditariedade. O seu verdadeiro papel é conformar, ajustar, depurar o que a natureza produziu. (...) A educação, como arte que é, tem o seu programa definido: fazer de cada indivíduo um todo harmônico, pela cultura metódica e apropriada das suas energias naturais, apurando tudo que é licitamente aproveitável – dotes pessoais, dons estéticos, faculdades de talento e de concepção, poder de pensamento assimilador, ou criador. E como o meio humano é formado pelos próprios indivíduos, quanto mais perfeita se fizer a adaptação de cada um, quanto mais se apurarem as personalidades, mais elevado, mais culto será o meio. Deste modo, a educação se torna o mais poderoso fator do progresso geral. As individualidades se afirmam, desenvolvendo o máximo de

²⁰⁴ **Ibid.**

ação útil; multiplicam-se as iniciativas; sugerem-se as reformas, e o progresso se realiza à medida que os caracteres se fortalecem e se definem.”²⁰⁵

Seth, por sua vez, reproduzindo as palavras de Spencer, preconiza que o desenho como toda a arte tem a sua característica de Dom, mas que também pode ser lapidado e desenvolvido: “Nasce-se artista, diz Spencer, como se nasce poeta, e a educação não cria nem um nem outro. O que afirmamos é que as faculdades inatas não dispensam ao artista de apoiar-se na ciência organizada. A intuição é muito, mas não é tudo. Só quando o gênio vai aliado à ciência é que alcança a plenitude de sua força.”²⁰⁶ Seth vai além: “O estilo é o homem, diz o provérbio. O estilo é manifestação da personalidade e cada artista, em sua arte, tem o seu feitio próprio, da mesma forma que tem o seu nariz, a sua boca, os seus olhos, etc., pode parecer-se e confundir com outro, mas não é igual. (...) E na proporção da idade e do equilíbrio de espírito, surge a observação pessoal, fruto da própria personalidade, e esta poderá vir mais cedo ou mais tarde, mais ou menos destacada, genial ou medíocre. É o período da cristalização.”²⁰⁷

Tanto Seth quanto Manoel Bomfim advogam a causa da instrução moral e cívica. Bomfim, em sua obra “Lições de Pedagogia”, dirá:

“Quanto a educação moral, a influência dessa disciplina é universalmente reconhecida; com razão, a Pedagogia a tem considerado, sempre, como o mais eficaz dos fatores, depois da ação imediata do meio. Há circunstâncias em que uma consagração, ou uma condenação da História, tem mais poder sobre os espíritos do que um exemplo direto. Na História, cada tipo, que se caracteriza e fala ao sentimento, inspira estima, admiração, entusiasmo... ou compaixão, repulsa, reprovação... Bem aproveitados, os fatos históricos são incomparáveis lições de civismo e de moral; mas, para que sejam sugestivas, é preciso, justamente, não deixar perceber esse intuito, nem lhes dar o tom de propaganda doutrinária. É pela intensidade dramática dos feitos, pela pintura animada e real dos heróis, fazendo-os amados, ou detestados, que a contemplação da História se torna, de fato, uma excelente escola moral.”²⁰⁸

²⁰⁵ BOMFIM, Manoel. **Lições de Pedagogia**. RJ: Francisco Alves, 1915, p. 28 e 29

²⁰⁶ SETH. **Primeiras Regras do Desenho - Conselhos Práticos aos Principiantes**. RJ: Atelier Seth, 1933.

²⁰⁷ **Idem**.

²⁰⁸ BOMFIM, Manoel. **Lições de Pedagogia**. RJ: Francisco Alves, 1915, p. 255

Bomfim complementa que a instrução moral e cívica resume o conhecimento que temos das nossas relações e dependências sociais: saber o que se deve cumprir, o que se pode fazer; conhecer o que é direito ou proibido, por lei ou pelos costumes (deveres e direitos essenciais); tudo isto é tão importante como saber comprar e pagar. Para ele, a instrução primária compreende: conhecimento e prática corrente da língua vernácula, falada e escrita; cálculo elementar; conhecimento e prática do sistema de pesos e medidas e das moedas usuais; instrução moral e cívica; preceitos gerais de higiene; trabalhos manuais e prática de desenho. Finalmente, em suas palavras, o uso dos trabalhos manuais e do desenho corresponde a “uma educação prática imperiosa, porque, em suma, a mão é o instrumento de ação material: quem não se sabe servir das mãos é praticamente um mutilado”.²⁰⁹ Além dessas disciplinas aqui indicadas especialmente, língua vernácula, aritmética, sistema métrico, preceitos higiênicos, instrução moral e cívica, trabalhos manuais e desenho, outras se encontram no programa primário de Bomfim, como sejam – morfologia geométrica, histórica e geografia, noções elementares de ciências físicas e naturais, ginástica. Ressalta então:

“Com que intento se inscrevem tais matérias? Para servirem de subsídio às disciplinas essenciais no programa de instrução propriamente dita, e como temas e motivos de exercícios de educação intelectual. A história e a geografia servem de subsídio à instrução moral e cívica; as ciências físicas e naturais servem de subsídio à geografia e à higiene; a ginástica completa a educação física... Além disto, não só as disciplinas subsidiárias, como as essenciais, dão os temas sucessivos de educação mental. Cada uma delas concorre mais especialmente para a cultura e o desenvolvimento de uma ordem de funções e de capacidades – memória, observação, discriminação, abstração, dedução, imaginação...”²¹⁰

Da mesma forma, já nos títulos dos livros de Seth percebemos semelhante preocupação nos temas que foram enaltecidos por Manoel Bomfim. Da Coleção Seth para educação da Infância, destacam-se: “Primeiras Regras do Desenho - Conselhos Práticos aos Principiantes”; “Primeiras Letras - Cartilha para

²⁰⁹ **Idem.**, p. 107

²¹⁰ **Ibid.**, p. 107

Aprender a Ler”; “Primeiros Cálculos - Rudimentos de Aritmética”; “Primeiros Traços – Método Fácil para Aprender a Desenhá-lo”; “O Pequeno Pintor – para Colorir”; “Nossos Homens – Álbum Biográfico para colorir”; “Homens Americanos – Caderno para colorir”; “Vistas Brasileiras – Paisagens e cenas do Brasil, para colorir”; “O Dia da Criança – álbum de Testes para colorir”; “Nosso Mundo – álbum geográfico”. E os dois livros sobre a História do Brasil que terão um papel especial em sua obra: “Meu Brasil - Mapas ilustrados mostrando homens e fatos de nossa Pátria”, publicado em 1933, com sucessivas edições, inclusive com uma edição resumida e superficial para a publicação da Editora O Tico-Tico, e “O Brasil pela Imagem - Quadros expressivos da formação e do progresso da pátria brasileira desenhados a bico-de-pena”, que tornar-se-á a sua obra histórica mais importante.

3.1.3 - A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA

Obra de caráter informativo-pedagógico, “Meu Brasil - Mapas ilustrados mostrando homens e fatos de nossa Pátria” (fig. 54) serve-se a todo o momento de datas históricas, assim como da representação de mapas explicativos e a representação da efigie das principais personalidades históricas brasileiras, portuguesas e de outras que fizeram a formação de nossa nacionalidade. Acompanhada também com verbetes explicativos e de um texto maior no rodapé da página, a pretexto de fazer um análise de nexos histórico mais substancial, Seth bem se inspirou nos conceitos de Manoel Bomfim para criar essa obra. Em suas palavras:

“Estimando que este modesto trabalho, precursor de outro mais completo que pretendo ainda realizar, consiga justificar o seu fim, desejo ao mesmo tempo prestar aqui singelo tributo de gratidão e justa homenagem à memória do ilustre mestre Dr. Manoel Bomfim, notória cultura e capacidade no assunto, que em vida, pessoalmente, muito se interessou e me influenciou pela realização de uma obra neste gênero.”²¹¹

Para Manoel Bomfim, a História do Brasil (como a de qualquer nação americana) apresenta condições especiais para tornar interessante e fácil o ensino. Acredita que só por absoluta incompreensão do que deve ser a História, e da sua utilidade no preparo geral, poderia ter chegado a instrução dessa disciplina no grau de aridez a que a vemos reduzida. Formula então:

“O Brasil histórico é um mundo que se crê, é uma nação que se forma; e até podemos marcar o momento em que começou a nova ordem de coisas que produziram o povo brasileiro. A sociedade que para aqui se estendeu, o quadro em que se estabeleceram os fundadores do Brasil, a natureza que os recebeu, as almas simples com que se encontraram... tudo isto nós conhecemos, e podemos apresentar em traços vivos. São dois mundos que estão em face de nós; como que os vemos encontrar-se, reagir, fundir-se... através das condições de vida que se ofereciam. (...) Para tirar deles a conveniente instrução, é mister dar-lhes sentido, animando-os com as visões de conjunto, capazes de revelar à consciência que agora surge o espírito.”²¹²

²¹¹ SETH. **Meu Brasil** - Mapas ilustrados mostrando homens e fatos de nossa Pátria. RJ: Atelier Seth, 1933.

²¹² BOMFIM, Manoel. **Lições de Pedagogia**. RJ: Francisco Alves, 1915, p. 259

Também era esse o ideário de Seth, definido no programa de sua obra “Meu Brasil - Mapas ilustrados mostrando homens e fatos de nossa Pátria”: “Destinado este pequeno álbum sobretudo aos jovens colegiais, o que aqui está é o que me parece bastante para fixar os acontecimentos de uma maneira mais sugestiva e amável ao cérebro do menino, que não pode guardar com interesse e facilidade um acumulado de incidentes e datas só pela simples leitura. Isto porém, não quer dizer que ele prescindia completamente da Orientação de um mestre ou de um pai para melhor compreender os fatos, sobretudo os de natureza política.”²¹³ Manoel Bomfim, por sua vez, defende a mesma opinião de Seth sobre a importância do professor, pois no prefácio de sua obra “Através do Brasil”, livro escrito com Olavo Bilac, critica a maneira como o “livro de leitura” era comumente organizado, considerando-os verdadeiros amontoados didáticos, sem unidade e sem nexos, através de cujas páginas “insípidas” se desorienta e perde a inteligência da criança. Segundo a perspectiva que assumem em relação ao ensino, o livro de leitura deveria funcionar apenas como referencial, oferecendo bastantes motivos, ensejos e oportunidades para que os professores pudessem explorar a imaginação dos alunos. Como fonte do conhecimento, frisava que a verdadeira enciclopédia do aluno nas classes elementares é o professor. É ele quem ensina, é ele quem principalmente deve levar a criança a aprender por si mesma. Por outro lado, Seth continua no prefácio de sua obra: “Sobre o mapa, coloquei o conjunto dos acontecimentos, localizados aproximadamente nos pontos em que ocorreram, tanto quanto permitiu o espaço. (...) Nas legendas parciais, que é o histórico de cada quadro, não me pareceu possível reduzir mais, pois, na maioria deles, não seria admissível justificá-los sem contar os indispensáveis antecedentes. Para resumi-los, há os títulos, e para o conjunto de cada página, a legenda geral, onde procurei estabelecer, tanto quanto me foi permitido, um contato de período a período, de forma a mostrar o evoluir dos acontecimentos.”²¹⁴

Também esse intuito animou o programa de sua obra posterior “O Brasil pela Imagem”, como o “artista que aliou à sua índole, ao seu gosto e à sua técnica, o culto da nacionalidade; que coordenou os fatos mais característicos de

²¹³ SETH. **Meu Brasil** - Mapas ilustrados mostrando homens e fatos de nossa Pátria. RJ: Atelier Seth, 1933.

²¹⁴ **Ibid.**

nossa formação, e os representou em desenhos de sua especialidade, completando-os com despretenciosas legendas.”²¹⁵

Manoel Bomfim lembra que o ensino da História na escola primária tem de ser apresentados ao aluno sob a forma descritiva e narrativa, mas sobretudo sociológica. Para ele, a História é a reconstituição da vida consciente das sociedades humanas, representada na evolução de cada uma das suas instituições características. Na instrução geral, a História tem como função essencial fazer conhecer o mundo moral e político a que o indivíduo pertence: “Ora, isto não se obtém sem a contemplação do passado, porque o mundo moral, e tudo que o determina – idéias e sentimentos gerais, são resultados de fatos e de condições anteriores. (...) O mecanismo social só pode ser conhecido quando o apreciamos no seu desenvolvimento através do tempo.”²¹⁶ Bomfim complementa: “É a História que nos faz compreender explicitamente o meio social de que fazemos parte. A educação comum, espontânea, incorpora o indivíduo à tradição, mas incorpora-o de um modo quase inconsciente. O indivíduo não conhece os fatores dessa tradição. O estudo racional da História deve ser, para a vida moral, o que o estudo da anatomia e da psicologia é para a vida orgânica: satisfação necessária ao clássico preceito do – conhece-te a ti mesmo.”²¹⁷ Para ele, todo o problema, no ensino da nossa História, está em mostrar como se formou a organização política e social que abrange e sistematiza a nossa tradição. “Notemos, porém, desde já, que, para definir essa tradição, não basta contar; é preciso fazer senti-la” - avaliava.²¹⁸ Das lições de História Pátria, deve resultar, além da instrução propriamente dita, o vivo sentimento de tradição nacional, a caracterização bem nítida, na consciência do aluno, da sua alma de brasileiro. Dar caráter social aos relatos. Não há narração que não se possa fazer com esse aspecto, e as que nos dizem respeito são especialmente próprias para isto: explorações, expedições, lutas de raça, a conquista da terra pelo homem... Diz então:

“Mais tarde, uma população natural, fusão de tudo quanto aqui se encontra, encarnando uma alma nova e afirmando a existência de um novo mundo... Não temos as grandes guerras, as lutas lendárias de defesa nacional; mas temos lances e períodos bem expressivos – a expulsão do Holandês, a resistência do Sul à influência castelhana... e

²¹⁵ SETH. **O Brasil pela Imagem**. RJ: Indústria do Livro, 1943. p. 5

²¹⁶ BOMFIM, Manoel. **Lições de Pedagogia**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1915. p. 253

²¹⁷ **Ibid.**, p. 254

²¹⁸ **Ibid.**, p. 259

temos, principalmente, a vigorosa epopéia dos bandeirantes. Material não falta, desde que o saibam aproveitar.”²¹⁹

Iniciado deste modo o estudo sistemático da História do Brasil, e bem caracterizados os primeiros encontros dos portugueses com o Novo Mundo, incorporam-se no primeiro capítulo os resultados das incursões e explorações esporádicas que aqui se fizeram, os estabelecimentos e as povoações que delas resultaram, até a adoção da exploração sistemática, sob a forma de capitânias. Bomfim sublinha:

“Este assunto constitui o segundo aspecto geral de vida colonial, e ali se compreendem: condições do litoral brasileiro onde se demarcaram as capitânias; dificuldades que se ofereciam aos donatários; ambições que os animavam; riquezas exploráveis, então; condições de trabalho, estado geral dos aborígenes, diferenças essenciais de educação, entre os indígenas e os reinos; serviços que uns podiam prestar aos outros, dificuldades de se associarem; espírito religioso, catequese; capitânias que floresceram e prevaleceram, capitânias que pereceram; causas naturais e inevitáveis dos fracassos, causas removíveis; povoações e culturas resultantes da exploração sob o novo regime das capitânias; relações dos donatários com o Estado da Metrópole; razões políticas contrárias a esse regime; repercussão dele sobre a História da colônia até a época atual – Províncias, Estados... o surgir da nova sociedade; a vida nos estabelecimentos coloniais, natureza das suas produções; costumes que se estabeleceram, relações e dependências sociais e políticas com a Metrópole; comunicações que se abrem entre as diferentes partes do território; condições de prosperidade do norte do país; papel do governo colonial, suas relações com a Metrópole...”²²⁰

Semelhante preocupação teve a obra de Seth, pois podemos revelar em diversos capítulos passagens significativas da história nacional, evidenciando uma visão de conjunto da vida brasileira, da sociedade, dando caráter social aos relatos, como preconizava Manoel Bomfim. Em “Meu Brasil - Mapas ilustrados mostrando homens e fatos de nossa Pátria”, destacam-se capítulos como: “O descobrimento do Brasil – Os povos que o Habitavam” (fig.55), com a amostragem das tribos indígenas de então, e o retrato dos primeiros descobridores; Divisão do Brasil em Capitânias Hereditárias; Primeiros Tempos da Colonização – 1510-1556; Luta com os Índios e Defesa contra os Estrangeiros: 1562-1572; Luta contra Pirataria – Domínio da Espanha: 1572 – 1612; Domínio Holandês no

²¹⁹ **Ibid.**, p. 260

²²⁰ **Ibid.**, p. 260 / 261

Norte – Os Bandeirantes no Sul: 1614-1640; Queda do Domínio Holandês: 1641 – 1685; Primeiros Sintomas de Independência: 1695 – 1747, onde destaca a destruição do Quilombo dos Palmares; Expulsão dos Jesuítas - Tiradentes (fig.56), sublinhando nesse capítulo:

“Embora o momento de nossa emancipação não houvesse ainda chegado, a conspiração de um grupo de patriotas na Capitania de Minas Gerais, em 1789, exprime bem o crescente desgosto que vinha lavrando contra o regime de abusos e extorsões que a metrópole nos impunha. (...) Três anos depois, condenados à morte os principais, só Tiradentes, entretanto, sofreu a pena capital, e por isso representa ele em nossa história o símbolo sublime da liberdade.”²²¹

Seguem outros capítulos: A Independência – Reinado de Pedro I; Sucessos do 1º Império – Abdicação de Pedro I; Tremendas Lutas Internas - Reinado de Pedro II; Guerra do Paraguai; A Retirada da Laguna (1867) (fig. 57). Em “Progresso do Brasil”, destaca que terminada a campanha do Paraguai, o período que se segue é de grande progresso para o Brasil, nas artes, ciências, jornalismo, agricultura, comunicações, transportes. E os capítulos finais versam sobre “A República 1889-1903”; apresentando na penúltima página a efígie dos “Presidentes da República”, de 1889 até 1930 (fig. 58). Na última página apresenta uma sinopse sobre os Governos Republicanos.

Nessa perspectiva, Manoel Bomfim considera então a História como disciplina essencialmente educativa, tanto do ponto de vista mental, como do ponto de vista moral. Para tanto, porém, e para que o conhecimento da História seja eficiente e fecundo, é necessário dar-lhe esse caráter racional e sintético a que nos referimos. Bilac e Bomfim, em “Através do Brasil” visavam chamar a atenção para várias facetas do nosso país: “Estamos certos que a criança, com a sua simples leitura, já lucrará alguma coisa: aprenderá a conhecer um pouco o Brasil; terá uma visão, a um tempo geral e concreta, da vida brasileira – as suas gentes, os seus costumes, as suas paisagens, os seus aspectos distintivos”.²²²

²²¹ SETH. **Meu Brasil** - Mapas ilustrados mostrando homens e fatos de nossa Pátria. RJ: Atelier Seth, 1933.

²²² BILAC, Olavo e Manoel BOMFIM. **Através do Brasil**. SP: Companhia das Letras. 2000. p. 24

Seth também destacaria em “Nota desta Edição”: “Tenho o prazer de acrescentar, agora, mais cinco páginas de ‘Aspectos da Civilização Brasileira’ (fig. 59), no intuito não só de desenvolver a utilidade desta pequena obra como também de adaptá-la melhor aos modernos programas do ensino de História Pátria.”²²³ O caricaturista-historiador, bem ao feitio das idéias defendidas por Manoel Bomfim, de cunho sociológico-cultural, nestas páginas ilustra fatos de natureza mais cultural do que político-econômica, incluindo a questão geográfica como importante fator no desenrolar dos acontecimentos históricos. Em “Aspectos da Civilização Brasileira”, Seth evidencia os alimentos, adornos, armas e utensílios dos indígenas, assim como suas formas de habitações. Noutra página de “Aspectos da Civilização Brasileira – A Fase do Ouro”, ao ilustrar os esforços dos Bandeirantes Paulistas penetrando nas selvas virgens do sertão brasileiro, sublinha: “como em geral acontece na história da civilização dos povos, a montanha dificulta a comunhão dos homens, ao passo que a planície, os rios e os mares aproximam-nos. No Brasil, os primeiros agrupamentos coloniais tinham que se localizar no litoral. A penetração no interior do país só veio com o mameluco, filho do branco e do índio, que, transpondo as serranias próximas da costa, levou as suas conquistas além do Tratado de Tordesilhas.”²²⁴ Em outras duas apresentações desses “Aspectos”, Seth ilustraria o desenvolvimento dos transportes no Brasil, desde a época colonial ao surgimento do Bonde Elétrico; e na página “O Interior e o Litoral – A Fase do Café”, destacaria tipos brasileiros bem característicos: o vaqueiro do nordeste, o gaúcho do sul, o interior doméstico do Rio de Janeiro colonial do século XIX, onde a população de negros escravos era muito grande, e a fazenda de café em São Paulo no princípio do século XX, representando a fonte principal da nossa riqueza, o produto brasileiro exportador por excelência.

Como já dissemos, embora “Meu Brasil - Mapas ilustrados mostrando homens e fatos de nossa Pátria”, publicado em 1933, não apresente o caráter ufanista de “O Brasil pela Imagem - Quadros expressivos da formação e do progresso da pátria brasileira desenhados a bico-de-pena”, editado em 1943,

²²³ SETH. **Meu Brasil** - Mapas ilustrados mostrando homens e fatos de nossa Pátria. RJ: Atelier Seth, 1933.

²²⁴ **Idem.**

ambas herdaram a influência da obra de Manoel Bomfim na sua concepção criadora.

Ao nosso ver, o livro “O Brasil pela Imagem” caracteriza-se por ser um desdobramento da obra anterior, de forma mais complexa, completa e detalhada, onde não faltou a amostragem da natureza brasileira, tão bem representada por Seth nos capítulos iniciais, bem como as questões de fronteiras, geográficas, culturais, históricas e socio-políticas. De fato, também percebemos agora uma ufanismo maior, como evidenciaria na introdução da obra, preconizando “o sentido de fé e confiança que aqui exprimo num Brasil que seja sempre grande, forte e generoso, moderno e irmão de todos os povos no verdadeiro ideal da paz e do trabalho, da justiça e da liberdade, mas que, com todos os proveitos do progresso humano, jamais perca as suas tradições, e conserve sempre a sua fisionomia própria de – Brasil Brasileiro.”²²⁵

Porém, nas legendas explicativas, definidas como de numerosos autores, no apanhado dos temas tratados, e inclusive pela utilização de referências e trechos de obras literárias, Seth teria nessa obra patrocinada pelo DIP em 1943 um arcabouço teórico mais profundo e diversificado, em decorrência da quantidade e qualidade das transcrições de textos históricos e sociológicos de autores do porte de Gilberto Freyre, Graça Aranha, Euclides da Cunha, Melo Moraes Filho, Anchieta, José de Alencar, Oliveira Vianna, e porque não dizer do próprio Manoel Bomfim (capítulo “Os Franceses no Brasil – Comércio com Indígena”). Assim, percebe-se a evolução de Seth como artista-historiador-pedagogo na comparação dessas duas obras de sua autoria “Meu Brasil...” e “O Brasil pela Imagem”, pois, influenciado por Manoel Bomfim, percorre a linha de pensamento desse autor no que se trata da literatura para a instrução pedagógica e histórica, mas a amplia e expande, posteriormente em “O Brasil pela Imagem”, com a incursão e reflexão de novos autores.

²²⁵ SETH. **O Brasil pela Imagem**. Rio de Janeiro: Indústria do Livro, 1943. p. 6

3.1.4 SETH E MANOEL BOMFIM: OUTRAS COMPARAÇÕES

Manoel Bomfim será uma das influências definitivas na trajetória intelectual de Seth, e o relacionamento entre ambos vai perdurar do início da década de 1910 até provavelmente o final dos anos 1920. Bomfim nasceu em 8 de agosto de 1868, em Aracaju, Sergipe, e conheceu o caricaturista nos tempos de “A Imprensa”, nas Oficinas Progresso, de Alcindo Guanabara, no Rio de Janeiro, entre os anos 1912-1913, como já assinalado. Tornaram-se amigos, devido a afinidade no tocante aos trabalhos históricos e as idéias da instrução pública e educação. Já mencionamos, inclusive, o episódio em que os dois foram visitar o Presidente Epitácio Pessoa (1919-1922), a fim de angariar apoio para os projetos históricos de Seth, tentativa que malogrou.

Com a publicação de “Meu Brasil - Mapas Ilustrados mostrando Homens e Fatos de nossa Pátria” (1933), Seth parece seguir com vivacidade a concepção histórico-pedagógica de Manoel Bomfim, exposta em “Licções de Pedagogia” (1915), considerando que das lições de História Pátria, deve resultar, além da instrução propriamente dita, o vivo sentimento de tradição nacional, a caracterização bem nítida, na consciência do aluno, da sua alma de brasileiro, dando caráter social aos relatos.

Assim, percebemos que o arcabouço metodológico, de construção metodológica-histórica da obra de Seth vai absorver inicialmente a influência de Manoel Bomfim, principalmente em “Meu Brasil...”, álbum em que Seth registra inclusive um agradecimento, “singelo tributo de gratidão e justa homenagem à memória do ilustre mestre Dr. Manoel Bomfim, notória cultura e capacidade no assunto, que em vida, pessoalmente, muito se interessou e me influenciou pela realização de uma obra neste gênero” (lembração que é uma justa homenagem ao sociólogo falecido em 21 de abril de 1932, portanto, um ano antes).

“O Brasil pela Imagem” (1943) será outra obra de Seth que sofrerá também a influência de Bomfim, mas agora também vai absorver a marca de outros autores que escrevem sobre a história brasileira, como João Ribeiro (História do Brasil), P. Luiz Gonzaga Cabral (Jesuítas no Brasil), Melo Moraes Filho (Pátria Selvagem), Euclides da Cunha (Guerra de Canudos) (fig. 60), Jean de Lery (História de uma Viagem à Terra do Brasil), Visconde Araguaia (O

Amazonas), e dos escritores Castro Alves, Gonçalves Dias, José de Alencar, Machado de Assis, tendo o primeiro seus versos citado várias vezes.

Em “O Brasil pela Imagem”, nota-se sobretudo também a influência de Gilberto Freyre, pensador que tem uma importância central nessa obra, sendo motivo de referência em vários capítulos, especialmente no que concerne ao índio, ao negro e a Casa Grande, e a mistura das raças. Gilberto Freyre será uma grande referência, e terá suas palavras descritas em capítulos como “Alimentação Indígena – Frutos”, “A Indústria Indígena”, “A Oração”, “O Branco e a Preta”.

Para a publicação de O Brasil pela Imagem, Seth utilizou como informações teóricas duas obras de Manoel Bomfim: “O Brasil na América” (1929), e “O Brasil na História” (1930).

Quanto a ordem de disposição na obra, Bomfim (fig. 61) é referência em cinco capítulos de O Brasil pela Imagem: “Branco e Vermelhos”, “Os Primeiros Povoadores”, “O Branco e a Índia”, “Os Franceses no Brasil – Comércio com o Indígena” (fig. 62). Nesses capítulos, Seth utiliza a obra “O Brasil na América”. E no capítulo “Revolucionários do Norte” (fig.63), transcreve passagem de “O Brasil na História”.

Em “O Brasil na América”, Manoel Bomfim procurou caracterizar o processo histórico brasileiro, da colônia à independência política, a partir justamente das condições latino-americanas de formação colonial, dissecando as diferenças da formação étnica brasileira - da fusão das raças indígenas, africanas e do branco europeu - em comparação a América hispânica. Foram nessas páginas que Seth foi pautar-se para escrever sobre o índio e suas relações com o branco português e o invasor francês, por exemplo. Por sua vez, “O Brasil na História” é um ensaio sobre o próprio fazer histórico, onde Bomfim procurando identificar na historiografia tradicional a história dos “dominadores”, “vencedores”, buscava assim novos ângulos que poderiam mostrar outra visão histórica, a história dos “vencidos”, para ele, a verdadeira história, posto que essa tem um papel nobre – o de fazer a confiança da nação nos próprios destinos.

Explicitado as influências, e em se tratando de uma obra sobre o passado brasileiro, cabe a indagação de como Seth vê o negro e o índio na sua obra histórica, e se há similitude com a visão de Bomfim em “O Brasil na América” e “O Brasil na História”. Sobre o índio, em O Brasil pela Imagem, Seth transcreve juízo de Bomfim, no capítulo “O Branco e a Índia”, afirmando que o cruzamento

que a mulher indígena sustentou e desenvolveu nos dois primeiros séculos de nossa existência fora a base primitiva da sociedade brasileira. No capítulo “Branco e Vermelho”, de *O Brasil pela Imagem*, novamente são as palavras de Bomfim retiradas de “*O Brasil na América*”, legendas do capítulo na obra: “O português que veio formar o Brasil sabia muito bem que não podia dispensar o concurso aquiescente do gentio e desde logo tratou-o de modo a garantir o mesmo concurso. O índio era ingênuo e hospitaleiro e os entendimentos logo se fizeram.”²²⁶

A ex-libris representativa de *O Brasil pela Imagem* será justamente a imagem do índio, que também aparece na capa. Também será um indiozinho e um garoto branco as imagens que representam o país na capa do outro livro de Seth, “*Meu Brasil...*”

De igual modo, para Manoel Bomfim, o indígena foi fator essencial na construção do Brasil, sublinhando que só não teve importância igual ao do próprio português porque a este coube a direção. Bomfim destacou a influência geral do índio, na linguagem, na alimentação e na formação étnica do brasileiro, nos valores culturais que nos legou, no seu senso extremado de liberdade.

Quanto ao negro, Seth também o vê – assim como o índio - como parte constitutiva da formação do povo brasileiro. Seth e Manoel Bomfim tinham a noção clara da importância do índio e do negro na formação do Brasil, junto com o elemento colonizador, o branco, gerando daí suas derivações, o mameluco e o mulato. Para Bomfim: “Não se pode caracterizar a formação do Brasil sem referências especiais ao negro que, escravos, trabalharam e produziram, incorporando-se, finalmente, na massa da população. Houve um largo cruzamento deles com brancos e caboclos.. A esse propósito, há três verdades a acentuar como efeitos biológicos, o cruzamento com os negros é análogo ao do índio; quanto ao influxo do negro, ainda o caso do Brasil é único por toda a América.”²²⁷ Por sua vez, são palavras de Seth, em “*Meu Brasil...*”: “Esta página mostra-nos (...) a fusão das raças que se operou no país depois do seu descobrimento. O índio e o branco produziram o mameluco, que se tornou o senhor do Brasil; o mulato foi produto do branco e do negro, tendo sido este trazido como escravo da costa

²²⁶ SETH. *O Brasil pela Imagem*. Rio de Janeiro: Indústria do Livro, 1943. p. 39

²²⁷ BOMFIM, Manoel. *O Brasil na América*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997. p. 200

d’Africa e cujo trabalho iniciou a prosperidade da colônia.”²²⁸ De igual modo, em “O Brasil pela Imagem”, Seth destaca no capítulo “Escravo no Tronco”, a raça negra como “a raça humilde e sofredora que tanto ajudou o Brasil”; que foi a “base da economia do país” por três séculos (cap. O Navio Negreiro); que permitiu “facilidades de mistura e penetração, maior ainda do que a do índio, na vida social brasileira, trazendo a influência de seus costumes nativos, suas crenças, suas cantigas e danças, e inundando o nosso folclore de tradições africanas”²²⁹ (Dança numa fazenda); encontrando “os brancos do avançado período colonial mais facilidades sexuais com a preta do que os primeiros europeus com a índia”; e que “no interior doméstico, o preto misturava-se ao branco. A mãe-preta alimentava o sinhozinho desde que este nascia”.²³⁰ Reproduz então palavras de Pires e Almeida, no capítulo “O Branco e a Preta” (fig. 64), sobre a mestiçagem:

“Os casamentos entre brancos e mestiças repetiam-se sem estranheza, mesmo na classe elevada; nas outras, passavam despercebidos por sua frequência. Havia de resto, inúmeras uniões livres ou mancebias, entre brancos de alta condição e mulatas.”²³¹

Assim, o negro aparecerá em profusão na parte da obra constitutiva da formação do nosso povo, no século XIX, em inúmeros capítulos como “Mercado de Escravos”, “Interior Doméstico” (fig. 65), “Indolência dos Senhores”, “Dança numa Fazenda”, “O Branco e a Preta”, “Capitão do Mato”, “Castigo Público – Escravo no Tronco”, “Transporte rural – O palanquim e o carro de Bois”, “Transporte Rural – A Liteira e a Cavalgadura”, “Transporte Urbano – SEGE”, “A Cidade Colonial do Séc. XIX”, “Aspectos e Hábitos Coloniais”, “A Festa do Espírito Santo”, “O Entrudo Precursor do Carnaval”, “Os Últimos Engenhos”, “A Aristocracia Rural no Segundo Reinado”, “A Vida Patriarcal Brasileira”, “A Assinatura da Lei Aurea - 1888”, etc. Sobre o aspecto da construção da imagem, quando a visualização é pública, aparece o negro, como em “A Festa do Espírito Santo”, ou “O Entrudo Precursor do Carnaval”, consubstanciando o negro como elemento popular, povo.

²²⁸ SETH. **Meu Brasil** - Mapas ilustrados mostrando homens e fatos de nossa Pátria. RJ: Atelier Seth, 1933.

²²⁹ SETH. **O Brasil pela Imagem**. Rio de Janeiro: Indústria do Livro, 1943. p. 101

²³⁰ **Idem.**, p. 99

²³¹ **Ibid.**, p. 102

É importante ressaltar ainda que Seth escreve sobre a tortura da escravidão e do negro “tratado como coisa e não como gente”, comentando a motivação econômica pelo trabalhador escravo, o castigo público, a brutalidade da escravidão, mas ao mesmo tempo sublinhando o afeto do branco com a preta, do senhor e do escravo, da relação patriarcal. Ele expressa, inclusive, um sentimento de solidariedade ao sofrimento imposto aos escravos no Brasil. Também não há, de sua parte, nenhum comentário pejorativo à cultura dos escravos africanos, como comum nos historiadores racistas que proclamavam sem pudor o “atraso do africano”, justificando até a sua escravidão.

É bem verdade que os capítulos finais da obra, sobre a República, ressentem-se da ausência do negro, colaborando para isso talvez o fato de Seth ter apresentado muito o negro nos capítulos sobre a questão da escravatura e relações entre raças no século XIX, e ter deixado para o final da obra uma visão mais ufanista, patriótica (“Linhas de Tiro – 1917”) (fig. 66), de feitos e personalidades históricas importantes (Ruy Barbosa, Santos Dumont), presidentes (Wenceslau Braz), incluindo o elogio à Vargas e o enaltecimento da industrialização (“O Brasil Industrial”).

Por outro lado, se o negro poderia entrar em mais um painel, sobretudo relacionado a música ou no carnaval, esses já tinham sido descritos em “O Entrudo Precursor do Carnaval” (fig.67), no qual aparece o negro. Assim, sobre o que foi descrito anteriormente, Seth não nega a importância do negro e sua participação constitutiva em nosso povo, antes o afirma, mas reconheçamos que faltou ao caricaturista-historiador a fluidez necessária para nos capítulos finais incluir o negro em algumas situações nas cenas.

A obra de Seth também marca-se por ser uma obra de história cultural. Senão, vejamos os títulos e os assuntos abordados em alguns capítulos: “Conflito de Capoeira”, “Um Baile em 1880”, “Banhos de Mar”, “Um Sarau familiar”, “A Rua do Ouvidor Imperial”, “Noites de São João”, “A Serenata” (fig.68). Alguns desses capítulos, páginas importantes de nossa história, foram fatos que Seth testemunhou, configurando assim um olhar biográfico sobre a história brasileira: “A Avenida Central – 1910” (fig.69), “Banhos de Mar”, “A Infância da Aviação – Lucien Deneau voa em Copacabana 1913”, “Santos Dumont voa a 2 metros do

solo em seu 14-bis – Paris, 1906”. Este último não o feito em si, mas a figura do aviador. Nas palavras de Seth:

“Também na memória de quem escreve estas linhas jamais se apagou a lembrança das duas ocasiões em que, no Rio, viu o grande brasileiro, o homem universal, que já havia alcançado a glória suprema. De uma vez, sozinho, franzino e encolhido sob o clássico chapéu mole desabado, sentado no modesto banco de um bonde. De outra feita, uma noite, igualmente só, passeava diante do mar, na calçada da avenida Atlântica. Em ambas as vezes, modestíssimo, desprendido de sua auréola de grande figura da Humanidade, alheio à sua imensa glória de criador!”²³²

Podemos dizer ainda, parafraseando Manoel Bomfim, que “O Brasil pela Imagem” contempla – influenciada pela obra ‘O Brasil na História’ do sociólogo sergipano - ao mesmo tempo a história oficial e a não-oficial, a história dos vencedores e dos derrotados, evidenciando mais uma vez o cunho pessoal do trabalho do autor, e as suas referências (influência bomfimniana). Seth elege e destaca dois capítulos com essa particularidade: “Guerra de Canudos – 1897 – Ataque de Jagunços”, e “Revolucionários do Norte”.

Em “Guerra de Canudos – 1897 – Ataque de Jagunços” (fig. 60), Seth mostra o drama de Canudos, e transcreve palavras de Euclides da Cunha: “Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo.”²³³ “Revolucionários do Norte” é um capítulo sobre as revoluções liberais de 1817 e 1824, dos nacionalistas de Pernambuco que queriam a Independência. Reproduz então palavras de Manoel Bomfim, retiradas de “O Brasil na História”: “O Brasil, não só antecedeu qualquer das repúblicas espanholas em movimentos de independência, como, mais do que ali, aspirou sempre um governo republicano-democrático.”²³⁴ E de Mário Melo, autor de “A Maçonaria e a Revolução Republicana de 1817”: “...Em Pernambuco, porém, no século que expirou, a liberdade partiu do seio das sociedades secretas, dos lábios dos adeptos da maçonaria para os ouvidos da multidão.”²³⁵

²³² **Ibid.**, p. 167

²³³ **Ibid.**, p. 166

²³⁴ **Ibid.**, p. 89

²³⁵ **Ibid.**, p. 89

Seth extraiu trecho da obra “O Brasil na História” (1930), e aqui cabe citar as palavras de Roberto Ventura e Flora Sussekind, segundo os quais, “o objetivo deste livro era demonstrar que não apenas o fazer a história estava contaminado, como já evidenciara eIe em O Brasil na América, mas o próprio relatar a história”.²³⁶ Da mesma forma que nos seus livros anteriores, Manoel Bomfim trabalhou essencialmente com a antinomia dominadores e dominados, na medida em que, segundo ele, a narrativa histórica constituía “um campo onde se travam todos esses embates de que resulta a vitória de umas instituições sobre as outras, de classes e de doutrinas, em detrimento de outras”.²³⁷ “No fundo, ao fazer a revisão crítica da historiografia Brasileira, Bomfim tinha em mente o conhecido axioma: a história é sempre, ou quase sempre, a versão dos vencedores. E à história dos dominadores, ele resolveu opor a história dos derrotados: esta era, em suma, a intenção principal de O Brasil na história”²³⁸ – diz Ronaldo Conde Aguiar, que complementa:

“a abordagem extremamente crítica que domina O Brasil na História tem, como pano de fundo, a perspectiva nacionalista e popular do autor. Segundo Bomfim, ‘toda história se reduz a contendas de tradições, sem perder, por isso, o seu papel superior - o de fazer a confiança da nação nos próprios destinos’. Disposto, ainda, a valorizar episódios esquecidos (mas notáveis) da história brasileira, Bomfim recuperou e escreveu belíssimas páginas sobre a insurreição Pernambucana de 1817, ‘marco iluminado do nacionalismo brasileiro’.”²³⁹

Esses dois capítulos, portanto, “Guerra de Canudos – 1897 – Ataque de Jagunços”, e “Revolucionários do Norte”, evidenciam mais uma vez a afinidade de Seth com Manoel Bomfim.

Mas se destacamos semelhanças e afinidades entre os dois autores, também é importante perceber e estabelecer diferenças entre O Brasil pela Imagem, de Seth, e as obras de Manoel Bomfim. Se o caricaturista utiliza como referências “O Brasil na América” (1929), e “O Brasil na História” (1930), de

²³⁶ SUSSEKIND, Flora & VENTURA, Roberto. In: BOMFIM, Manoel. **O Brasil Nação: Realidade da Soberania Brasileira**. RJ: Francisco Alves, 1996. Pref. de Ronaldo Conde Aguiar. RJ: Topbooks, 2000. p. 27

²³⁷ *Idem.*, p. 27

²³⁸ AGUIAR, Ronaldo Conde (Prefácio). In: BOMFIM, Manoel. **O Brasil Nação: Realidade da Soberania Brasileira**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000. p. 27

²³⁹ *Idem.*, p. 27

Bomfim, em “O Brasil pela Imagem”, o mesmo não podemos dizer quanto a elaboração histórica proposta por Manoel Bomfim no que tange “O Brasil Nação”.

É importante indagar porque a obra de Bomfim “O Brasil Nação”, publicada em 1931, não foi utilizada por Seth. E aqui cabe uma especulação, uma hipótese que pode ser confirmada pela leituras das duas obras: a obra “O Brasil Nação” de Bomfim iria destoar da proposição dos últimos capítulos do livro de Seth, que tratam do Segundo Reinado e da República, já que a visão de Seth é positiva e ufanista em relação a esses períodos, e Bomfim, ao contrário, vê com maus olhos tanto o período de D.Pedro I e II, quanto a República.

Sendo assim, comparemos as palavras de Seth e de Bomfim sobre esses períodos e personalidades. Sobre D. Pedro I, no capítulo “O Imperador D.Pedro I diante da Tropa” (fig.70), Seth formula:

“Pelo que vinha de realizar, pelo prestígio e sua mocidade ardente e audaciosa, D. Pedro I foi ídolo do povo. Após a Independência, fez tudo o que esteve a seu alcance para enfrentar a situação. Tratou de consolidar o Império com os elementos de que dispunha.”²⁴⁰

Ou ainda:

“D. Pedro I foi um temperamento impulsivo, enérgico e voluntarioso. Ao mesmo tempo generoso e leal. (...) Tomando sob sua proteção e amizade indivíduos de caráter duvidoso, cúmplices ou sócios das suas aventuras, a vida privada de D. Pedro correu, no Brasil, toda cheia de acontecimentos galantes e jocosos, que o anedotário da época tornou preciosos aos historiadores. (...) E ainda mesmo que essas fraquezas não merecessem indulgência, os rasgos de intrepidez, de franqueza, de heroísmo e abnegação de que deu provas depois, resgatariam todas as falhas do primeiro Imperador do Brasil.”²⁴¹

Sobre D. Pedro II, em “O Imperador visita uma escola”, são essas as palavras de Seth, considerando-o um Imperador “ilustrado”: “O Reinado de Pedro II, passados os tempos anárquicos que herdara da formação do Império, consolida o estado social do povo brasileiro, e muitos são os melhoramentos que, acompanhando o progresso da época, vem beneficiar o país.”

²⁴⁰ SETH. **O Brasil pela Imagem**. Rio de Janeiro: Indústria do Livro, 1943. p. 117

²⁴¹ **Idem.**, p. 119

Quanto a D. João VI, no capítulo “D. João VI no Rio de Janeiro – Encantos da Terra”, Seth reconhece a sua generosidade para com o Brasil, escrevendo: “Longe das inquietações da política européia, o monarca devia sentir-se à vontade no ambiente simples mas carinhoso da cidade, cujo primitivismo colonial procurou remover, pelas instituições que criou e pelos melhoramentos urbanos que realizou. É de crer que tais providências não fossem só por interesses do Estado, mas também por amor à terra, que o libertava”.²⁴²

Por sua vez, essas são as considerações de Bomfim sobre Pedro I e II, e a República, segundo afirma Wilson Martins, no prefácio de *O Brasil Nação*:

“Proclamada a Independência, escreve Bomfim, o Brasil foi obrigado a ‘guardar a infâmia do Estado português, e a degradação dos seus governantes’. Esses ‘antecedentes históricos’ teriam condicionado para sempre a nossa vida pública. Seu silogismo era algo simplista: ‘no Brasil bragantino’, que se prolongou pelo Império e pela República, “o nacionalista tinha que ser radical, revolucionário” pois desde a ‘crise de 1831’ e a ‘revolução palaciana de 1840’, ‘o espírito do Estado Português se implantou no Brasil e venceu o espírito de brasileiro em que se fizeram as revoluções de 1817,24,31,37,42,48,89’.”²⁴³

“A ‘infecção bragantina’ deixou-nos em indefinida servidão política. Colônia, Império, ou República, o Brasil tem sido o repetido esboço de mandões.”²⁴⁴

E nos capítulos finais, na parte sobre a República, o distanciamento entre Seth e Manoel Bomfim se acirra mais ainda pelo fato de que “O Brasil pela Imagem” vislumbra positivamente como acontecimento histórico-político-social a Revolução de 1930, o advento do Estado Novo, a figura de Getúlio Vargas, que Bomfim refutava, sobretudo o movimento político – os tenentes – que sustentou a tomada de poder pelos revolucionários de 1930. (p. 139) Para Bomfim, a

²⁴² *Ibid.*, p. 85

²⁴³ MARTINS, Wilson (Prefácio). In: BOMFIM, Manoel. **O Brasil Nação: Realidade da Soberania Brasileira**. Prefácio de Wilson Martins. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000. p. 19

²⁴⁴ *Idem.*, p. 20

Nota: Sobre a “infecção bragantina”, Wilson Martins aponta que numa visão arbitrariamente polêmica e tendenciosa, as contradições de Manoel Bomfim não tardam a surgir: “Com todo o vírus da podridão em que existia, o governo de D. João VI fez que o Brasil tivesse uma vida intelectual própria, com desenvolvimentos sociais e políticos de tal monta que, dez anos passados, todos reconheciam ser impossível reduzir a nação brasileira, já exuberante em manifestações suas, à antiga condição subalterna, de colônia.” In: BOMFIM, Manoel. **O Brasil Nação: Realidade da Soberania Brasileira**. Prefácio de Wilson Martins. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000. p. 20

Revolução de 1930, a intromissão do Exército na vida política, o militarismo republicano, não passava de uma degradação.²⁴⁵ Sobre esse aspecto, Ronaldo Conde Aguiar, em “O Rebelde Esquecido – Tempo, Vida e Obra de Manoel Bomfim”, explica então:

“Em 1931, Manoel Bomfim afirmaria categoricamente que *o remédio para o caso brasileiro estava na revolução*. Mas numa revolução renovadora, nacional e popular, que substituisse *gentes, programas e processos*, fazendo, assim, as mudanças econômicas, sociais e políticas exigidas pelo país – que, segundo ele, os revolucionários de 1930, recém-instalados no poder, não tinham feito, nem iriam fazer.”²⁴⁶

Ronaldo Conde Aguiar sublinha que “em O Brasil Nação não falta sequer uma dosagem de ceticismo e amargura”²⁴⁷, o que logicamente contrasta com a visão ufanista, positiva de O Brasil pela Imagem, de Seth.

A utilização de “O Brasil na América” (1929), e “O Brasil na História” (1930), de Bomfim, como referência, portanto, explica o fato de Seth ter restringido a participação de Bomfim ao período do Brasil Colônia – Século XVI, no tocante a fusão das raças entre o branco e o índio, e pontualmente no capítulo “Revolucionários do Norte”, sobre a revolução de Pernambuco de 1817, portanto, período pré-independência. Por outro lado, a visão de Seth não concorda, não se coaduna com a visão de Bomfim sobre o Segundo Reinado ou o período republicano.

Quanto a questão do espírito ufanista na obra “O Brasil pela Imagem” de Seth, aqui também há um hiato com a visão de Manoel Bomfim sobre a nação brasileira (não do seu passado histórico, mas da época em que Bomfim vivia). Para Ronaldo Conde Aguiar:

“Bomfim era nacionalista, mas ele nada tinha de ufanista: o sociólogo sergipano, ao contrário de Afonso Celso, autor de *Por que me ufano do meu país*, não tinha uma visão otimista da nação brasileira. Da mesma forma, o nacionalismo de Manoel Bomfim não era raivoso: era

²⁴⁵ AGUIAR, Ronaldo Conde. **O Rebelde esquecido – Tempo, Vida e Obra de Manoel Bomfim**. RJ: Topbooks, 2000. p. 138

²⁴⁶ **Idem.**, p. 141

²⁴⁷ **Ibid.**, p. 495

uma busca permanente de caminhos. (...) A obra de Bomfim constitui uma análise abrangente do desenvolvimento desigual da formação social brasileira. Seu objetivo principal era diagnosticar e apontar as formas de superação dos ‘males de origem’, com vistas ao progresso da nação.”²⁴⁸

Por outro lado, *O Brasil pela Imagem* apresenta a natureza do Brasil e determinados fatos históricos (cap. “O Soldado Brasileiro do Império – 1865-1879”, por exemplo – fig. 71) de forma exuberante, numa visão bem próxima do ufanismo de Afonso Celso, em “Por que me ufano do meu país”, como um país de natureza potente, pacífico, ordeiro, mas capaz e invencível na guerra se for preciso. Nesse aspecto, cabe assinalar que a natureza brasileira de nosso país, vislumbrada por Seth em algumas viagens, e retratada nos capítulos iniciais de “O Brasil pela Imagem”, tenha exercido influência sobre o artista na criação dessa obra. Certa passagem biográfica ilustra tal fato:

“Eu não conhecia ainda a pitoresca e velha estrada União e Indústria, para além do Itaipava. De prova de que todo aquele trecho do paraíba até Juiz de Fora, onde a natureza soube desenhar paisagens dos mais encantadores efeitos, através daqueles aspectos naturais tão aprazíveis e poéticos, e depois a subida da mantiqueira para galgar Barbacena, por entre temporais periódicos e aspectos novos para mim, fizeram-me de mim uma criança emudecida diante do espetáculo surpreendente que lhe magnetiza os olhos gulosos de curiosidade.”²⁴⁹

Seth também demonstrava ser um nacionalista, pois a obra “O Brasil pela Imagem” apresenta um conjunto de episódios e valores identificados com a nacionalidade brasileira, valorizando a idéia de pátria. Ainda sobre o seu processo artístico, é importante também anotar que os primeiros quadros murais históricos criados por Seth, nos anos 1920, com a orientação de Manoel Bomfim, possivelmente serviram de influência para a criação do álbum “Meu Brasil...”, onde se destaca a obra do capítulo “A Retirada da Laguna (1867)” (fig. 57), única que vem escrito “composição de Seth”. Esse trabalho, por sua vez, apresenta a estrutura que servirá como base da linguagem da obra “O Brasil pela Imagem”, ou

²⁴⁸ *Ibid.*, p. 504

²⁴⁹ MARINS, Álvaro (Seth). *Nas Asas da Memória. Viagem de um Artista em torno de si mesmo*. Gazeta de Notícias: Rio de Janeiro, edição de 21/ 9/1947. p. 3

seja, uma imagem emoldurada com uma legenda explicativa abaixo. Também tem o mesmo sentido do desenho a página “A Revolta da Armada - 1893” (Fig. 72), uma das mais belas composições do álbum.

Em relação ao desenho propriamente dito, “Meu Brasil - Mapas Ilustrados mostrando Homens e Fatos de nossa Pátria”, obra de 1933, entretanto, tem um cunho menos autoral do que “O Brasil pela Imagem”, tendo em vista que o próprio autor admitiu no prefácio “Advertência”, à importância dos seus auxiliares: “Igualmente, não me posso furtar ao dever de salientar a preciosa colaboração que, na parte gráfica, aqui tiveram os meus excelentes companheiros de trabalho Alfredo Gomes, Ernesto Huergo e Joaquim Mendes, cuja dedicação impõe todos os meus agradecimentos.”²⁵⁰ Por isso mesmo, na parte gráfica, excetuando-se o quadro “A Retirada da Laguna (1867)”, a capa do álbum e mais um ou dois desenhos em “Aspectos da Civilização Brasileira”, os outros capítulos ressentem-se da ausência da colaboração de Seth, sendo as figuras mais simplificadas, menos trabalhadas, pouco artísticas, mas nem por isso pouco didáticas.

Também outra questão a sublinhar, no que tange ao livro “Meu Brasil...”, é que não há (ou quase não há) a presença do povo, e sim mais de figuras históricas “ilustres”, seguindo a risca o título da obra. Talvez o próprio Seth, sentindo o problema, tratou de anexar a terceira edição, cinco páginas de “Aspectos da Civilização Brasileira”, tentando uma breve amostragem de tipos e situações características do povo brasileiro (ou nas suas palavras, para “adaptá-la melhor aos modernos programas do ensino de História Pátria”).

Muitas referências visuais devem ter sido utilizadas para a feitura das duas obras, como no capítulo “Um Beija-Mão de D. João VI”, Seth faz a paródia do quadro de A.P.D.G, contido no livro “*Sketches of Portuguese Life, Manners, Costume and Character*”, de 1826, evidenciando que o desenhista usava várias fontes iconográficas para a construção do livro.

²⁵⁰ SETH. **Meu Brasil** - Mapas ilustrados mostrando homens e fatos de nossa Pátria. RJ: Atelier Seth, 1933.

Nota: O Brasil pela Imagem também foi publicado em capítulos avulsos nas revistas Vamos Ler e O Tico-Tico, o que evidencia ter tido um espectro de leitores muito mais numeroso do que propriamente a restrição da edição de um livro.

Quanto a “América Latina – Males de Origem” (1905), e “Lições de Pedagogia” (1915), de Bomfim, acreditamos que essas obras cumprem sobretudo o papel na orientação geral do escopo da obra de Seth, que é traçar a história buscando realçar os aspectos econômicos, geográficos, demográficos, sociais, culturais da nação brasileira, enfim, uma obra de aspecto sociológico-cultural. Na concepção do próprio Manoel Bomfim, para apresentar em traços vivos a sociedade que para aqui se estendeu, o quadro em que se estabeleceram os fundadores do Brasil, a natureza que os recebeu, percebendo como a nação se forma.

E a realização da obra histórica de Seth é consequência dessa visão ilustrada em prol da educação que a “América Latina – Males de Origem” propunha como remédio.

3.2 SETH: PERFIL INTELECTUAL / OBRAS FILOSÓFICAS

Se, por um lado, já analisamos a filiação intelectual metodológica de Seth e sua filiação histórica com a obra de Manoel Bomfim, é ainda importante perceber a formação intelectual geral do artista, evidenciando a abrangência e profundidade de seu pensamento, o caráter humanista de suas idéias e porque não dizer o reflexo que isso teve em sua obra. “O caricaturista é geralmente um intelectual a seu modo, um homem de espírito e de cultura, o que lhe permite a freqüência sem desvantagem dos legítimos homens de letras” – diria Herman Lima²⁵¹, acrescentando:

“Não seria preciso mais do que citar, no passado, o nome de Gavarni, cujas legendas, como ele próprio dizia, lhe mereciam os mesmos cuidados do desenho, legendas de tão fina ironia e tão profundo sarcasmo que um século depois ainda correm mundo... Do mesmo modo, é sabida a predileção de Rafael Bordalo Pinheiro não apenas pelas coisas de teatro, como por tudo o que se relacionava com as letras portuguesas. Basta recordar, igualmente, de passagem, seu primeiro trabalho de relevância - O Calcanhar-de-Aquiles, coleção de portraits-charges de poetas e escritores contemporâneos que teria seqüência mais tarde, quando em pleno domínio da sua grande arte, na publicação do Álbum das Glórias, onde vem, entre tantas outras composições de primeira ordem, a caricatura de Eça de Queirós, seguramente o melhor retrato do autor d'Os Maias, o Eça verdadeiro e integral das suas crônicas e dos seus romances vergastadores, das suas dores orgânicas e das suas fulgurações verbais. Julião Machado, outro grande nome da caricatura portuguesa, mais nosso do que de sua terra, foi outro que sempre freqüentou as rodas literárias, não só de Lisboa como do Rio”.²⁵²

Dos caricaturistas da época de Seth, Raul Pederneiras era, igualmente, um espírito culto. Sua substancial cultura jurídica lhe permitiu a conquista da cátedra de Direito Internacional. No magistério, ainda, reservava parte do seu dinamismo às aulas de Anatomia Artística, na Escola Nacional de Belas Artes. Fundador da Academia Carioca de Letras, onde ocupava a cadeira patrocinada por Mário Pederneiras, pertenceu ainda a numerosas outras agremiações nacionais e

²⁵¹ LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil**. 2º volume. RJ: José Olympio Ed., 1963. p. 623

²⁵² **Idem.**, p. 623

estrangeiras, de literatura, geografia, história e ciências jurídicas, sendo ainda presidente da Associação Brasileira de Imprensa durante nove anos. Deixou bagagem literária que muito honra a estante brasileira. Calixto Cordeiro, o K.Lixto, niteroiense que completou com Raul Pederneiras e José Carlos de Brito Cunha, o J.Carlos, a trindade de caricaturistas que nacionalizou esta arte no Brasil, pelo caráter nitidamente regional de sua contribuição, foi também professor, desenhista, gravador, pintor, escultor, cenógrafo, teatrólogo e poeta. J.Carlos, por sua vez, era o mais autodidata dos três, pois não tinha bacharelado, mas sabia francês, latim, e tinha um conhecimento histórico do passado e uma compreensão dos fatos políticos e econômicos de sua época com a similitude dos nossos melhores historiadores, posto que, a sua própria obra é reconhecida pelos pesquisadores contemporâneos como um documento histórico comparável a obra de Debret e Rugendas.

E nesse contexto aparece Seth, um dos mais brilhantes caricaturistas dessa geração, criador de uma obra imbuída de todo um caráter intelectual, filosófico, humanístico. Acrescente-se ainda o fato de ser também um historiador, um pensador sobre a história e a sociedade brasileira, e sobre a condição espiritual e mundana do homem. “O lançamento de meu álbum ‘Exposição’ que fiz como já disse propriamente sem pensar em lucros imediatos obedeceu ao intuito e a natural vaidade do artista de mostrar em público o seu lado quase desconhecido. Até então, o meu nome se tornará mais conhecido como o do caricaturista, a do desenhador de trabalhos de publicidade comercial. Era-me preciso, pois, apresentar alguma coisa que revelasse, sob um aspecto mais severo a queda humanista que sempre tive para a cultura filosófica e social”²⁵³ – disse certa vez, formulando também:

“Creio nada haver de melhor na vida espiritual do que esse interesse puro que nos afasta das formas objetivas e nos induz a criar, a pesquisar, a descobrir alguma coisa: interesse que distrai a criança nos seus brinquedos, que domina o homem de qualquer categoria nas atividades de generosas conquistas, que sublima o artista na produção de uma grande obra ou empolga o sábio na realização de uma descoberta científica. Interessa-me o impulso que produz um Edison ou um Ford, ou um Miguel Ângelo ou um Pasteur.

²⁵³ MARINS, Álvaro (Seth). **Nas Asas da Memória. Viagem de um Artista em torno de si mesmo.** Gazeta de Notícias: Rio de Janeiro, edição de 10/8/1947. p. 3

No que me toca, devo dizer que a arte me faz esquecer e me isola dos aborrecimentos da vida, porque, enquanto trabalho com amor, ela me conduz a um mundo ideal, isento das realidades materiais da vida humana moderna e fora das concepções científicas do universo, que costumam – abater e desagregar o nosso ânimo de viver. Ainda mesmo que reconheça as minhas imperfeições de artista, eu seria bem infeliz se, na idade em que me acho, já houvesse perdido o estímulo para este, único fator de excelsa beleza que ainda me resta – o de amar a natureza e de criar.”²⁵⁴

O álbum *Exposição* tinha na capa a efígie de um velho, imagem bastante sintomática do que o artista queria indicar em sua obra, colocando em relevância o aspecto filosófico. 60 páginas não constitui decerto uma obra de fôlego, mas ainda assim Seth orgulhava-se pelo sucesso que alcançou. Como julgasse entretanto que seria seccionar o público com a apresentação de um trabalho de transição tão brusca preferiu, e com razão, seguir o senso prático da vida e acrescentar ao trabalho filosófico, de caráter inédito, uma segunda parte cômica, já conhecida e tão do agrado do público. Algumas pessoas condenaram esse processo de duas amarras. O que fez, porém, julgava correto, pois, “se muitas pessoas cultas e de sensibilidade artística elogiassem o meu álbum só pelo lado de sua arte, muitas e muitas ouve cujo espírito aberto ao bom humor só se referiam ao lado cômico do trabalho.”²⁵⁵ A obra não constituiu um sucesso financeiro de livraria, mas não deu prejuízo ao autor, satisfazendo-o com o maior sucesso espiritual que poderia alcançar. Basta para isso perceber as legendas de suas obras filosóficas no álbum *Exposição*, quer seja as de sua autoria, quer seja as parafraseadas de inúmeros autores, como Victor Hugo, Edgar Allan Poe, Tolstoi, Castro Alves, Schopenhauer, onde imperam o tema da guerra, da força da natureza, da finitude da vida, da sedução da mulher e do amor.

Em “Domínio”, transcreve juízo de Tolstoi: “...E quando a mulher possui a arte de seduzir, abusa dela e exerce sobre o homem um império terrível! Ai daquele que se lhe aproxima: fascinado, perde o uso da razão!”²⁵⁶ (fig. 73) Em “Sedução”, alerta com a frase de P. Mantegazza, retirada da obra a “Filosofia do Amor”: “Cem mil volumes não bastariam para descrever todos os artifícios com

²⁵⁴ *Idem.*, p. 3

²⁵⁵ *Ibid.*, p. 3

²⁵⁶ MARINS, Álvaro (Seth). *Exposição*. Rio de Janeiro: Atelier Seth, 1936.

que os homens conquistam o amor de uma mulher, e a enumerar as cem mil artes de que a mulher se vale para animar débeis simpatias ou levar ao delírio grandes paixões.”²⁵⁷ (fig. 74) Na obra “A História”: “Não! Nem templos feitos de ossos, Nem gládios a cavar fossos, São degraus do progredir... (Castro Alves)”²⁵⁸, ele desenha uma montanha cravejada de ossos, representando civilizações destruídas pelas guerras, e um livro, simbolizando o saber e o progresso, manchado pela espada. (fig. 75) Em outro quadro de mesmo sentido: “A Última Batalha” – “Sesóstria, Alexandre, Aníbal, César, Napoleão... ‘Eles, que tanta gente levaram ao túmulo, também aí, por sua vez, foram levados’”²⁵⁹ (fig. 76), Seth cita célebre frase de Marco Aurélio, líder que ele tanto admirava, a ponto de ter dado o nome de seu primeiro filho o mesmo nome do imperador romano, evidenciando mais uma vez que a vida imita a história.

Na obra “O Homem da Cidade” (fig. 77), contida no álbum Exposição, e cuja legenda, inclusive, é de sua autoria: “Cidade, síntese de todo o progresso humano, fonte de todas as maravilhas! Sereia encantadora que seduz as almas simples do campo; Minerva fecunda que galvanisa o homem e o fundo prematuramente ao calor dos turbilhões!”²⁶⁰, ele revela uma compreensão certamente influenciada por sua vivência. Representa a cidade em sua positividade - a possibilidade do progresso, da modernidade – idealizada na figura do automóvel, do avião, do arranha-céu, mas também o seu lado negativo, simbolizado pelo poder destruidor da poluição da indústria, da bebida, das armas, da ambição do dinheiro. Nesse quadro, é importante ainda analisar dois fatos: o primeiro, o retrato do homem no quadro, praticamente um auto-retrato do próprio artista, mostrado com um olhar compenetrado, preocupado e preocupante com a sociedade e o futuro; no segundo caso, outro ponto a destacar é que essa obra também é reflexo auto-biográfico do autor, pois numa reminiscência de sua vida ele lembra o poder da cidade nos tempos modernos, em certa passagem sobre a cidade do Rio de Janeiro:

“Foi esse o Rio de Janeiro que encontrei ao meus 18 anos anos: um Rio bem brasileiro. Havia ainda pouco dinheiro, poucos automóveis,

²⁵⁷ **Idem**

²⁵⁸ **Ibid.**

²⁵⁹ **Ibid.**

²⁶⁰ **Ibid.**

poucos cinemas. Nenhum arranha-céu, nenhum avião, e muito menos rádio, uma cidade de vida relativamente plácida, acolhedora e patriarcal, da qual os elegantes e viajados diziam que eram uma grande aldeia. Andava-se com mais calma pelas ruas e não se tinha as inquietações opressoras de hoje, que nos obrigam a correr cedo para as filas de ônibus vencendo as ondas sucessivas de uma multidão também tangida pela pressa.

O conforto material que a ciência, a indústria e o comércio nos vem dando pela mãos largas do progresso era bem menor. Menor também era, entretanto, a ânsia de adquiri-lo, menor a escravidão moral das almas ávidas de riquezas fáceis.”²⁶¹

Em “Quo Vadis, Machina ? – O século XX jungiu o criador ao dorso metálico da criatura”, desenha o homem preso a um robô, simbolizando o progresso que ao mesmo tempo leva a destruição e a ruína da civilização: não a toa o homem é levado ao abismo, numa cena que bem lembra “A Guerra dos Mundos” de H.G.Wells (escritor que ele admirava). Por conseguinte, a crítica à modernidade aparece ainda em outra obra, dentro do mesmo espírito das anteriores citadas, em “O Progresso e suas sombras” – a sombra do progresso, vista como um anjo e um demônio, tem a seguinte legenda, mostrando que essa instância poderia ser usada tanto para o bem quanto para o mal: “Todos os dias vemos surgir uma nova e maravilhosa descoberta que torna a Terra mais habitável e mais fáceis de suportar os incômodos da existência. Apesar, porém, do aumento do bem estar, a humanidade mostra-se cada vez mais descontente, mais inquieta, mais agitada. Max Nordau (as Mentiras Convencionais)”²⁶²

Em “Refúgios de Espectros”, quadro que tem a legenda do artista, Seth desenha espectros como se fossem pantomimas de desenho animado, pois embora o caráter sinistro da obra, há uma atmosfera de estilo cômico – as nuvens e os espectros são apresentados de forma cômica; obra provavelmente inspirada nas inúmeras viagens que fez o artista pelos rincões do Brasil: “Pela madrugada, o trem corria sobre a planície pantanosa, como se varasse um imenso cemitério povoado por esqueletos de árvores negras, a se contorcerem em dor e agonia. A deslocação do comboio movimentava esse quadro, dando-lhe o aspecto de dança

²⁶¹ MARINS, Álvaro (Seth). **Nas Asas da Memória. Viagem de um Artista em torno de si mesmo.** Gazeta de Notícias: Rio de Janeiro, edição de 18/5/1947. p. 3

²⁶² MARINS, Álvaro (Seth). **Exposição.** Rio de Janeiro: Atelier Seth, 1936.

macabra”.²⁶³ (fig. 78) Outra obra que revela um caráter sinistro, evidenciando assim o sentido apocalíptico do autor, é “Navio Fantasma” – “O navio e tudo mais que leva em seu bojo é impregnado do espírito das idades antigas. Os homens de sua tripulação deslizam-se aqui e ali como sombras dos séculos sepultados”, “texto de Edgard Allan Pöe (manuscrito encontrado numa garrafa)”.²⁶⁴ (fig. 79)

Também outra obra impregnada de um lirismo assustador é “Pesadelo”, um homem é visto de frente a vários animais terríveis na natureza – num estilo pictórico - e cabe a indagação se o foco da obra é a consciência humana. (fig. 80) Por outro lado, a força da natureza foi assim simbolizada em “O Homem e A Natureza”: “A força é o que há de mais misterioso na Natureza. O espetáculo do céu, dessa esfera infinita que vemos arrastada cada dia em sua majestosa rotação; os planetas que giram lentamente em torno do sol; os grandes cataclismos naturais, eis aí os grandiosos fenômenos que dão naturalmente ao nosso espírito a mais elevada concepção da força. A. Laugel (Os Problemas da Natureza)”.²⁶⁵ (fig. 81)

Vemos também a imensa força da natureza em “O Homem e o Mar”: “O mar, o teu rugido é um eco incerto, da criadora voz de que surgiste. (Gonçalves Dias)”.²⁶⁶ (fig. 82)

Por sua vez, a finita tangência do homem, tema da vida e da morte, tão caro para os escritores - o que prova o alto sentido literário dessa série - é representada em “Infinito – Abismo insondável que causa medo à Inteligência Humana”; e “O Último Passo” - “E todos eles caminham a um só lugar: de terra foram feitos e em terra se tornam do mesmo modo. (Eclesiastes)”.²⁶⁷

Sentimentos medíocres são evidenciados em “A Inveja”, transfigurada numa criatura vista de forma bestial - “Gabamo-nos, muitas vezes, das paixões que possuímos, mesmo das mais criminosas. A inveja, porém, é uma paixão tímida e vergonhosa que ninguém jamais ousa confessar.” (La Rochefoucauld).²⁶⁸

Em “Atração / Satisfação / Repulsão - Trilogia da Carne - ...uma vez pago o tributo à Natureza e ao gênio da espécie, desaparece a ilusão”, mais uma vez a

²⁶³ **Idem.**

²⁶⁴ **Ibid.**

²⁶⁵ **Ibid.**

²⁶⁶ **Ibid.**

²⁶⁷ **Ibid.**

²⁶⁸ **Ibid.**

sedução é o tema.²⁶⁹ De igual modo, a mulher é assim representada em “A Disputa”: “...Assim teriam amado nossos remotíssimos pais das cavernas e das estacadas que, banhados sempre no sangue das guerras e das caçadas, até para amar ensangüentavam as mãos, e a mulher nada mais era do que a presa do mais forte e do mais audaz. (P. Mantegazza)”²⁷⁰ Também sobre o aspecto da utilização da força bruta, Seth apresenta uma das mais interessantes composições do álbum, intitulada “O Direito da Força ou a Força do Direito?”, obra que desperta um profundo sentido filosófico e cômico ao mesmo tempo. (fig. 83)

E o mesmo sentido apocalíptico é apontado em “O Dinheiro”, uma das primeiras obras criadas pelo artista para esse álbum, em 1929, e cuja legenda é também de sua autoria, revelando inclusive o sentido e a inventividade literária do desenhista: “A borda do precipício, a cintilante moeda desafia a audácia do mais forte. Na luta tragi-grotesca, onde os fracos sucumbem, toldam-se as consciências mas os nervos vibram e os músculos se retesam ao imperioso objetivo. Ai! porém, do vitorioso que confie demasiado na sua perícia! A atração do ouro traz também a atração do abismo!”²⁷¹ (fig. 84) E uma outra legenda de sua lavra está contida em “Ave Maria!” – “Nenhuma emoção, como a da música, nos afasta tanto de nossa personalidade terrena. E a religião tem no misticismo de suas melodias o melhor caminho para a contemplação e para a fé”²⁷², uma das poucas obras de sentido filosófico em que a excelsa beleza da vida é vista na criação musical.

Essa inventividade literária também é sentida na outra parte do álbum, na série de trabalhos intitulada “Flagrantes Cariocas”, pois é importante observar as mudanças que fez o autor nos títulos das obras originais em relação as mesmas obras quando publicadas, buscando uma suavização e síntese na legenda: “É preciso saber se o rosto corresponde” leia-se na obra original a nanquim “Quando é indispensável ver-se a cara”; “Dois Desejos...” era intitulada “Dois Objetivos...”; “Quando a morena passa” tinha o seguinte título no original “A piada nos arrabaldes – ‘Morena’, você me mata...”. Em outras vemos o sentido da síntese, pois “Um “Choro” Alegre” aparece na obra original como “Uma Noite ‘Chorosa’ nas ‘estrelas’ candentes da amplidão”; “Ouvindo Rádio...” leia-se na

²⁶⁹ **Ibid.**

²⁷⁰ **Ibid.**

²⁷¹ **Ibid.**

²⁷² **Ibid.**

obra original “O rádio em Família - Como diabo posso eu pegar Buenos Aires ?”; “*Cafês do Rio - Propondo Um Grande Negócio*” tem o seguinte texto “O Café, escritório barato onde se realizam os melhores negócios, entre um gole de rubiasca e dois copos com água gelada...”.

Cabe destacar ainda sobre os “Flagrantes cariocas”, que o caráter da originalidade de algumas obras, como “Dois Desejos” ou o “O Democrático Bonde”, por exemplo, também colaboram com a universalidade da mensagem, pois o artista revela também a força criativa do brasileiro. Por sua vez, como já apontamos, Afrânio Coutinho também aponta esse caráter universalista na arte brasileira, não voltando suas costas para a Europa e os países estrangeiros em geral, tampouco às tendências universais, que continuam a repercutir na mente brasileira. A temática na obra de costumes de Seth, assim como, nos trabalhos filosóficos, tem uma abordagem universal, pela largueza de sua contribuição, mas também revela os traços de uma nacionalidade ao colocar brancos e negros num Bonde evidenciando uma atmosfera de convivência difícil mas possível. Essa singularidade, única e original, também é uma marca da universalidade, posto que a capacidade criadora do artista consiste em transcender o que é particular, regional, e erigi-lo em expressão universal. Para isso colabora a capacidade do artista em expressar o atual, como Afrânio Coutinho aponta em seu texto “A Tradição Afortunada” (sobre o sentimento íntimo do autor, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço). Assim, obras como “A Última Batalha” ou a “História”, críticas a guerra e ao militarismo, revelam através de sua universalidade a psiquê do pacifista Seth, a psiquê do brasileiro pacifista.

Esse mesmo sentido literário, essa busca filosófica nos livros de história e de livre-pensamento, fez, certa feita, um amigo de Seth surpreender-se com a leitura de “*Emile ou de l’a Education*”, de J.J. Rousseau, de uma edição popular de 1869 que o caricaturista comprara a 500 réis o volume, num sebo em que havia obra de tal jaez. “Não é que meu amigo não me julgasse incapaz de ler uma leitura clássica de educação. É que na dúvida naturalmente Astério só conhecia até então o caricaturista, o ilustrador de capas de livros”- disse então.²⁷³ Outras obras, no entanto, com a *Educação da Vontade*, de Jules Payot, foram

²⁷³ MARINS, Álvaro (Seth). **Nas Asas da Memória. Viagem de um Artista em torno de si mesmo.** Gazeta de Notícias: Rio de Janeiro, edição de 10/8/1947. p. 3

fundamentais na vida do caricaturista. Seth lembra: “Contava eu vinte e seis anos de idade, e já era casado e pai, quando um amigo pedagogo e ilustrado, me emprestou a obra de Jules Payot – **A Educação da Vontade**, recomendando-me pela sua excelência prática.”²⁷⁴ Obras desse gênero de educação pessoal filosóficas ou moralistas, o artista havia lido muitas vezes tais como a Educação de Spencer, escrínio de grande sabedoria que lera ainda em solteiro, dando-lhe a futura orientação que daria a seus filhos. As conhecidas obras de Samuel Smilles – ‘O Poder da Vontade, Ajuda-te! O Caráter’ -, e tantas outras de outros autores, pregando elevada moral, ou consubstanciando princípios filosóficos do domínio sobre si mesmo, como as do super-homem de Nietzsche, tudo isto, enfim, já lhe havia caído sob os olhos e sobre o seu espírito. Em suas palavras:

“Na obra de Payot, obra de bom educador, sente-se, porém, uma orientação prática, relativamente fácil de seguir, porque conforme a natureza. Ou porque o espírito já tivesse suficientemente adotado, ou pela minha idade, o fato é que tal livro foi para mim como que o marco de uma nova vida. Integrei-me nos conselhos de autor, procurando assimilar todos aqueles preceitos capazes de forçar o domínio dos maus hábitos substituindo-os pela sistematização de uma prática firme, por outros melhores e mais salutares, prática que me orientasse, orientando com clareza no ‘Conhece-te a ti mesmo’ do Templo de Delfos.

Nesse tempo, ainda não se achavam difundidas e confusamente explicadas as doutrinas de Freud. Ninguém falava como hoje em psicanálise. Crente e convicto forcei a educação de novos costumes, começando pela obrigação diária de acordar-me cedo, de praticar sistematicamente ginástica, de contrariar certas tendências nocivas de preguiça e desleixo. Levantando-me a horas certas, trabalhando, alimentando-me e impondo-me obrigações tanto quanto possível em horas regulares, com um sacrifício que no começo me foi, por vezes, penoso, mais que eu procurava suportar sempre sem desfalecimentos, com a coragem que me davam a mocidade e a vontade firme de vencer – acabei, assim, criando-me hábitos de disciplina física, moral e mental que tomaram, depois, naturalmente, um padrão de vida metódica e produtiva, método salutar que me transformou, e de cujos benefícios ainda agora me valho.

Para consolidar o trabalho espiritual iniciado pela obra de Payot, prossegui durante muito tempo, seguidamente, segundo a boa fórmula, na leitura de outras obras de valor análogo, tanto as de Sweet Mardenk Mora – outros, que nos ensinam que a felicidade só depende

²⁷⁴ SETH, Reminiscências de. Nas Asas da Memória. **Gazeta de Notícias**: Edição de 10/8/1947. p. 3

de nós mesmos e do nosso mundo interior. Por esse tempo li a ‘Higiene da Alma’ e o elevado estoicismo contido nos ‘Pensamentos’ de Marco Aurélio. Os notáveis benefícios que tais obras exerceram sobre mim, fortalecendo-me uma educação de disciplina e de Império sobre mim mesmo, ensinando-me o método de metodizar as coisas quer na minha vida prática e comum, quer na minha vida mental, ensinando-me a conservar o entusiasmo e facultando-me a perseverança nas mais demoradas realizações artísticas – muito bem e compreendo agora quando olho para trás e considero quão difíceis e penosos são certas produções humanas que demandam grande soma de paciência, embora nem sempre tenham aparência fulgurante das coisas fáceis, simples e de efeito.

Eis, porque não tenho dúvida em afirmar que a realização de muitos trabalhos meus, como os de desenho animado, História do Brasil e desenhos coloridos a bico de pena, são em grande parte devidos à influência iniciada pela obra de Jules Payot – ‘A Educação da Vontade’.

Por isso mesmo, sempre preferi aprender o desenho perfeito e justo, como o verdadeiro fundo de minha arte. Assim, na escolha da representação de meus desenhos, a minha tendência revelada desde cedo, fortificou-se ainda mais no desenho a pena, com o gosto dos detalhes e dos conhecimentos técnicos – caminho, portanto, muito mais difícil de se chegar à perfeição.²⁷⁵

Obra interessante, em que cabe um estudo e uma reflexão pormenorizada, para conhecer mais profundamente o pensamento do caricaturista, foi a criada para o jornal “A Voz do Trabalhador - Órgão da Confederação Operária Brasileira”, em sua edição nº 30, de 1º de maio de 1913 (fig. 85), em que Seth desenha um mestiço liberto das algemas, braços abertos a receber um raiar de sol a simbolizar a liberdade, ao mesmo tempo por sobre horrendas caveiras que representam uma crítica ao clero, ao capitalismo, a burguesia, ao militarismo e a aristocracia. Essa obra feita por encomenda traduz graficamente com perfeição a legenda literária que acompanha: “E amanhã, ao brotar do grande Astro o clarão / Que aos seus raios triunfais o Homem por fim se vê / Sobre a Terra, a cantar, liberto do patrão!..”²⁷⁶ Trata-se, inclusive, de uma obra única, isto é, Seth publicou apenas essa obra nesse jornal (não foi colaborador assíduo, tampouco o

²⁷⁵ SETH. Nas Asas da Memória. Gazeta de Notícias: Rio de Janeiro, edição de 10 e 17/ 8 /1947. p. 3

²⁷⁶ **A Voz do Trabalhador** - Órgão da Confederação Operária Brasileira, ed. nº 30, de 1º de maio de 1913. p. 1

jornal tinha espaço para desenhos ou caricaturas). O poema completo vinha com os seguintes versos de Max dos Vasconcelos:

“Dia grande e cruel à memória operária,
Hinos brancos de Paz, hinos rubros de Guerra,
A Bandeira do Amor que se fez incendiária...

Data fatal que em si ao mesmo tempo encerra
A promessa do Bem ao coração do Pária
E juramentos de Ódio aos senhores da Terra!
Olhar perdido além, num horizonte vago,
Num sonho em que se vê o Mundo Comunista,
Ou se lembram talvez os mortos de Chicago!

Grande marco miliario à suprema conquista
Do País Ideal onde se espelha o Lago
Verde-azul da Concordia a consolar a vista...

Calendimaio! o Sol que te ilumina seja
O último a iluminar as grades da Prisão,
Os muros do Quartel e as fachadas da Igreja;

E amanhã, ao brotar do grande Astro o clarão,
Que aos seus raios triunfais o Homem por fim se vê,
Sobre a Terra, a cantar, liberto do patrão!..”

“Max dos Vasconcelos”²⁷⁷

“A Voz do Trabalhador - Orgão da Confederação Operária Brasileira”, foi fundado em 1908, no Rio de Janeiro, e sua primeira fase durou até 1909, tendo sido publicados 21 números. Em 1913, com a impressão de três mil cópias de seu número 22, passa a ser publicado quinzenalmente. Com uma tiragem de quatro mil exemplares sobrevive até junho de 1915, quando é publicado o seu número 71. Em seu editorial de sua primeira edição, em 1908, o jornal defendia a seguinte opinião:

“Iniciamos com o presente número a publicação periódica de A Voz do Trabalhador, órgão de uma coletividade formada com a intenção de agremiar e reunir as associações que tenham uma orientação nitidamente revolucionária, e com um programa claro e preciso, elaborado no Congresso Operário, exposto e difundido sempre que se apresentou oportunidade e não faltaram meios.

²⁷⁷ *Idem.* p. 1

É perfeitamente inútil, pois, apresentar um programa, traçar uma linha de conduta, arcaicos hábitos de irresistível manifestação no meio jornalístico sempre que se inicia uma nova publicação. Apesar disso é bom repetir esse programa. Nada se perde, pelo contrario, damos toda a razão ao grande assassino Napoleão Bonaparte quando exclamava que a repetição era um dos melhores e mais convincentes argumentos.

A Voz do Trabalhador vem agitar este proletariado que indiferente parece se conformar com a situação miserável e deprimente que atravessa, vem interessá-lo para que conosco venha partilhar dos transe da hodierna luta de interesses que prende a atenção do proletariado universal e que ora aqui se inicia com o desenvolvimento progressivo da indústria.

A Voz do Trabalhador vem lutar, vem combater com toda a coragem e energia de que for capaz pelas reivindicações proletárias, não descansando enquanto as não conquistar.

Desde já uma conquista se impõe: a das 8 horas de trabalho, vitoriosamente arrancada pelos nossos companheiros de São Paulo o ano passado. Mas o nosso fim não é só conquistar menos horas de trabalho e a elevação dos salários.

O que desejamos, e havemos de conseguir, custe o que custar - é a emancipação dos trabalhadores da tirania e exploração capitalista, transformando o atual regime econômico do salariado e do patronato num regime que permita o desenvolvimento de organizações de produtores-consumidores, cuja célula inicial está no atual sindicato de resistência ao patronato. Como meio prático, como método de luta para alcançar tal desideratum, adotará e usará o sindicalismo revolucionário.

A luta contra o capitalismo está travada, os conflitos surgem sem solução de continuidade pois a ambição e a prepotência dos nosos sanguessugas não conhece limites nem trepida em oprimir ainda mais milhares de homens condenados á mais horrorosa das escravidões. Os servos da Grecia e de Roma e os da idade-média passavam muito melhor que os proletários de hoje.²⁷⁸

Era assim, como porta-voz do conjunto das classes trabalhadoras brasileiras, que se definia A Voz do Trabalhador, em 1.º de fevereiro de 1913: “Como órgão da Confederação Operária Brasileira, é ela, no campo da imprensa, o mais legítimo porta-voz dessa colossal e sofredora falange de escravos do trabalho que vive a mourejar brutalmente neste grave eito que se estende desde as

²⁷⁸ **A Voz do Trabalhador** - Órgão da Confederação Operária Brasileira, nº 1, 1º de julho de 1908.

cochilas gaúchas até os cálidos seringais da Amazônia".²⁷⁹ Para Paulo Sergio Pinheiro, que assina o prefácio da reedição atual dessa obra:

“A importância de *A Voz do Trabalhador*, como se pode ler naquela mesma apresentação, foi a de ser um jornal nacional: ‘urge pois, romper com tal estado de coisas, estabelecer estreitas, contínuas e repetidas relações entre os trabalhadores deste país, cimentando solidamente os alicerces de uma organização que, sob as bases amplas do federalismo sindicalista, congregue todas as agremiações cujos fins se destinem à defesa de nossos direitos’.

Havia um genuíno esforço de superar as lutas locais, estaduais, e dar uma perspectiva nacional ao movimento operário. O que na época era profundamente inovador, dadas as diferenças e as divisões existentes no movimento no Rio de Janeiro e em São Paulo, por exemplo, sem contar as diversas influências étnicas e ideológicas que se faziam sentir. Era um jornal extremamente informativo. Dava conta das greves, da vida dos sindicatos, das lutas contra a carestia da repressão policial. Outros jornais da imprensa operária também se esforçavam em ser informativos.

Mas havia em *A Voz do Trabalhador* quase que um tom de reportagem que aumentava o realismo, permitindo uma avaliação mais concreta do movimento. Ao contrário de outros jornais, voltados intensamente para as lutas operárias na Europa, o noticiário nacional se equilibrava com os informes internacionais. Havia igualmente o debate sobre a construção da sociedade futura e a discussão sobre estratégias, de alto nível e de grande qualidade. Nas páginas dos jornais se travaram alguns importantes debates entre lideranças, como Neno Vasco e João Crispim, em 1914. Certamente o fato de o jornal se apresentar como *Órgão de Confederação Operária Brasileira* contribuiu para essa maior articulação com a realidade, com a vida concreta dos operários.”²⁸⁰

Essa obra de Seth é ainda mais significativa, pois, foi justamente naquele ano de 1913 que se deu os preparativos do Segundo Congresso Operário, em novembro daquele ano, contribuindo para reavivar *A Voz do Trabalhador*. Nesse período, através de suas colunas se protestava contra as deportações e expulsões de operários envolvidos no movimento nas docas de Santos: o sancionamento da lei de expulsão, imposta pelo escravocrata governo de São Paulo e respectiva cativeira de fazendeiros, atônitos com o desenvolvimento que vai tendo a organização

²⁷⁹ *A Voz do Trabalhador* - Órgão da Confederação Operária Brasileira, nº 24, 1º de fevereiro de 1913

²⁸⁰ PINHEIRO, Paulo Sergio. (Prefácio) *A Voz do Trabalhador* – Coleção fac-similar do jornal da Confederação Operária Brasileira 1908-1915. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/IMESP, 1985.

sindical naquele Estado e principalmente em Santos onde com maior ganância os parasitas assentaram sua tenda de exploração. Pouco antes, em janeiro de 1913, o presidente Hermes da Fonseca assinara um decreto suspendendo as garantias aos estrangeiros que se haviam casado com brasileiros, viúvas com filhos brasileiros e estrangeiros com menos de dois anos de residência contínua no país. O Segundo Congresso Operário, que se reúne em setembro de 1913, manteve a linha adotada no Congresso de 1906, que continuará sendo a orientação de *A Voz do Trabalhador*. A linguagem se tornará mais militante e haverá alguns toques bastante ecléticos, especialmente quando se faz a análise de estrutura política dominante. Paulo Sérgio Pinheiro complementa então:

“*A Voz do Trabalhador* pode ser considerado, juntamente com *A Terra Livre*, outro jornal fundado no Rio de Janeiro e publicado entre 1905 e 1910, como os dois mais influentes e importantes na primeira década do século. *A Voz do Trabalhador* demonstra que um jornal operário pode ser um documento de informação muito mais abrangente do que simplesmente um porta-voz de uma associação operária. Nos seus anos de existência era um jornal ágil e atualizado com as lutas de seu tempo.”²⁸¹

Mas cabe a indagação do que pode ter influenciado o caricaturista Seth a fazer essa obra de cunho humanista e social, crítica contra o capitalismo, justamente num jornal operário como “*A Voz do Trabalhador*”, que conseguiu uma certa coordenação e troca de informações no interior do movimento operário em nível nacional. Dois pontos podemos destacar: o primeiro, o fato de, já em 1913, o artista ser relativamente conhecido no Rio de Janeiro e no país, como desenhista profissional, publicitário e realizador de encomendas; e o segundo ponto, sua postura social, em que é necessário conhecer também especificidades do pensamento do caricaturista. Para tanto, reproduziremos passagem que confirma a aproximação de Seth com idéias e ideais de outros autores de cunho social, inclusive com a problemática do operariado e das teses anarquistas, fundamentando posteriormente seu ideal da “busca de uma mais perfeita ordem social, capaz de melhorar a situação da humanidade”:

²⁸¹ **Idem.** (Prefácio)

“No Rio, renovou-se o meu contato com aquele velho amigo de Campos, M. Embora o nosso convívio fosse agora mais espaçado. Apareceu-me, desta vez, com nova casca, trazendo-me a novidade de ter diferentes idéias. M. era compositor linotopista e freqüentava, então, associações operárias de ideologia avançada. Tornara-se anarquista. Mais anarquista platônico, sem haver perdido o velho feitio boêmio, que lhe era tão próprio...

Com aquele calor que eu já lhe conhecia, procurou então infiltrar em meu espírito, o mesmo entusiasmo de que se achava possuído, revelando-me as idéias e os princípios do credo anarquista, cujos mais conhecidos propagandistas, no Rio, viviam por essa época sob as vistas da polícia.

Falou-me largamente dos livros que eu lera e descortinou-me o novo mundo cheio de outras fórmulas de vida, baseados noutros princípios, sob condições econômicas diversas. Não se cansava, sobretudo, de exaltar o superhomem de Nietzsche, filósofo que o empolgava naquele momento, citando-lhe, a cada instante, palavras e trechos do ‘Assim falou Zaratrusta’.

De Campos, ainda mocinho, eu já viera cheio livre-pensamento, havendo mesmo desprezado os princípios católicos de minha mãe. Mas o que M. me apresentava agora era o fascínio de um cenário social novo completamente, desde os alicerces...

Confesso, porém, que a palavra doutrinária de meu companheiro perturbou-me como uma força que sacode os fundamentos de um edifício. Toda a solidez da ordem social em que sempre vivi e em que fui educado, parecia-me ruir ante a lógica da crítica de meu amigo e ante os confrontos que eu fazia em meu próprio raciocínio. A princípio, senti-me confuso, aturdido, sem rumo certo, em minhas reflexões, tal como o depósito sedimentado de um líquido que é de súbito agitado.

Uma série de autores libertários e liberais firmou, porém, pouco depois, a direção de meu espírito. Li quase seguidamente Jean Grave, Kropotkin, Hamon, Tostoi e etc. Nessa época, aliás, comecei a instruir-me nos melhores escritores da literatura mundial, iniciando-me no naturalismo de Zola, Flaubert, Daudet, Eça de Queirós, Guerra Junqueiro, Balzac na ciência e na filosofia de Spencer, Haeckel, Schopenhauer, Nietzsche, enfim, em todos que podiam trazer o brilho de novas luzes do saber humano.”²⁸²

No entanto, Seth lembrava então que as poucas vezes que acompanhou o seu amigo M. em um certo ponto operário, na antiga rua do Hospício, sentiu,

²⁸² MARINS, Álvaro (Seth). **Nas Asas da Memória. Viagem de um Artista em torno de si mesmo.** Gazeta de Notícias: Rio de Janeiro, edição de 6 / 7 / 1947. p. 3

porém, que o ambiente não lhe atraía. O grêmio era constituído de modestos homens do trabalho, quase todos operários de fábricas e de jornais. Notou que havia ali os inconscientemente fanáticos, os sinceramente idealistas, dedicados a causa e os apreciavelmente cultos. Mas havia, também, os aproveitadores dos ingênuos – malandros a espreita, e os adventícios. Esses, precisamente, os mais visados pelos agentes policiais, porque eram estrangeiros. O seu meio profissional jornalístico, o interesse pela sua nova vida de imprensa, por novos sucessos de ordem moral, além disso, o seu ocasional afastamento de M., acabariam por desviar-lhe para outros rumos e preocupações. Assim, aos poucos, segundo ele próprio, foi deixando de pensar em reivindicações de classes e reformas sociais.²⁸³ Lembrava então no final dos anos 1940, época do pós-guerra, quando organismos como a ONU estavam sendo criados: “A falta de regra, porém, não matou a semente de tais princípios, pois, embora eu não mais me preocupasse em alimentá-la, os próprios acontecimentos humanos, continuaram a confirmarem meu raciocínio a necessidade de uma mais perfeita ordem social, capaz de melhorar a situação da humanidade. E tanto isto me parece justo, que são hoje os próprios estadistas da ordem social chamada burguesa, pelos atuais comunistas, que assim também pensam e que estão sendo encaminhados a agir no sentido de criar um mundo melhor que todos nós aguardamos...”²⁸⁴

Assim, tais reflexões e livre pensar por volta de 1912-1913 devem ter exercido influência para que Seth criasse essa obra libertária para o jornal A Voz do Trabalhador.

²⁸³ **Idem.**, edição de 6 / 7 / 1947. p. 3

²⁸⁴ **Ibid.**, p. 3

Nota: Na série de entrevistas “Nas Asas da Memória”, Seth não cita o nome completo desse amigo de Campos, apenas a letra inicial de seu nome.

3.3 SETH E GETÚLIO VARGAS

Diariamente de 1937 a 1943 era com a mais viva satisfação que Seth se entregava por completo na idealização e realização da obra *O Brasil pela Imagem*, esforçando em ressaltar a história de nossa terra, na pujança de sua grandeza, no patrimônio de suas riquezas e na revivescência de seus costumes antigos. Pesquisando a cada momento os seus documentos particulares, percorrendo museus, consultando altos mestres no assunto, conseguiu enfim um trabalho que interessou ao povo quando o publicou paralelamente em *Vamos Ler* e também ao Departamento de Imprensa e Propaganda, que acabou por lhe auxiliar na confecção completa da obra. E dentro do alinhamento com o espírito do Estado Novo, e independentemente dele, a postura nacionalista de Seth pode ser avaliada sobretudo quando o artista argamassa, em sua obra, o sentimento da natureza brasileira, a cor local, os assuntos históricos e populares, os costumes tradicionais, regionais, as tradições folclóricas, ensejando as bases para o esforço de nacionalidade se colocar com êxito. Mas acreditamos também que o objetivo principal do artista, que era sobretudo o ensino da história para as novas gerações, foi bem sucedido.

Portanto, faz-se necessário pensar, mais uma vez, essa questão envolvendo o patrocínio da obra “*O Brasil pela Imagem*” (fig. 86) pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, sua relação com o governo Vargas e o Estado Novo. Em primeiro lugar, é importante lembrar novamente que os trabalhos históricos de Seth foram influenciados inicialmente pelos conceitos metodológicos de Manoel Bomfim, doravante por outros autores, sendo “*O Brasil pela Imagem*” o desdobramento final de todos os outros trabalhos históricos do autor – envolvido desde a década de 1910 com a questão histórica – e que, em sua última parte, decerto como em todo o desenvolvimento, a obra se ajusta e situa-se dentro do espírito do Estado Novo getulista. Certamente esse sentido de nacionalismo na obra de Seth, como já sublinhado, em que a nação é vista de forma total, em seu passado histórico, geográfico, étnico, foi um atrativo para os feitores do regime de 1937, pois esses visavam a consolidação da unidade nacional, de forma centralizada, não esquecendo de alinhar aos seus interesses os aspectos regionais.

Percebemos essa similaridade, como já apontamos, na cartilha “Estado Novo – Catecismo Cívico do Brasil Novo” (fig. 87), de 10 de novembro de 1937, sendo a primeira indagação do capítulo da “Nacionalidade” a seguinte pergunta:

“Que é Pátria e que significação deve ter ela para cada um de nós ?
Resposta: - A Pátria é formada pelo território do Brasil e pela reunião de todos os brasileiros. A idéia de Pátria exprime a associação do povo com a terra que lhe pertence. Quando falamos de Pátria, não devemos pensar apenas no momento presente, mas lembrar os nossos antepassados, que pelo heroísmo e pelo trabalho prepararam a grandeza do Brasil. (...) A Pátria vem do passado e continuará perpetuamente a sua existência.”²⁸⁵

Por conseguinte, é importante ressaltar que em dois outros livros anteriormente ilustrados pelo caricaturista há uma ligação com a figura de Vargas. Assim, devemos assinalar a participação de Seth com duas ilustrações de sua autoria no livro sobre o poema “Guarani” do compositor Carlos Gomes, livro que teve o patrocínio do Governo Vargas e foi publicado em 1938, com a presença também de outros ilustradores: Carlos Chambelland, Carlos Oswald, Nestor Genelício, Odelle Castelo Branco, Oswaldo Teixeira e Raul Pederneiras. Seth comparece com duas obras: “Virgem Branca, em teus olhos...”, na página 21, e “Invocação – Tupan dos Aimorés”, na página 25.

Publicado dois anos depois do álbum Exposição (fig. 88), o outro livro apontado, intitulado “Não se Compra Entrada na História” (fig.89), também datado de 1938, e, em que na capa Seth faz um simpático retrato sorridente de Vargas, bem evidência sua marcada preferência pessoal pelo presidente, que, no livro, é retratado em capítulos pelo escritor Pandiá Pires, como o grande líder americano por excelência. Tal comprometimento é ainda mais singular pois o livro foi publicado em 1938, ano em que já nos encontrávamos sob a ditadura do Estado Novo de Vargas. Por outro lado, tal postura pode ser explicada, pois já sublinhamos em capítulo anterior que Seth foi a favor da Revolução de 1930, e que via no Governo de Getúlio Vargas alguns pontos positivos - como o apoio às coisas brasileiras, o nacionalismo Varguista. Mas Seth sempre foi um defensor da livre manifestação do pensamento. Por esse motivo, acrescentamos a necessidade de reproduzir alguns trechos do livro de Pandia Pires e alguns depoimentos, para

²⁸⁵ **Estado Novo - Catecismo Cívico do Brasil Novo.** Distrito Federal: DNP, 10 de novembro de 1937. p. 3

perceber o que pode ter significado a adesão de Seth a Vargas – ele via como positiva a liderança do líder gaúcho em nosso país - e o que Vargas pode ter significado na história para os brasileiros.

Sobre o livro de Pandia Pires, “Não se Compra Entrada na História”, publicado em janeiro de 1938, com tiragem de 5.000 exemplares, é interessante notar vários aspectos. No capítulo final o próprio autor refere-se ao retrato de autoria de Seth sobre Getúlio Vargas: “Olhemos pois o Presidente. Aí está ele sorrindo na capa do livro. Não está sério como o Duce. Não está de testa enrugada como o austríaco que domina a Alemanha. (...) O Presidente está rindo. É a iluminação da alma tranquila, que lhe acende a boca. Ele sabe o que fez e o que vai fazer.”²⁸⁶ Nesse sentido, assim como Pandia Pires se debruçou nessa análise sobre o trabalho de Seth, provavelmente o caricaturista pode ter se influenciado por algumas idéias do livro. E mesmo concordado. E o que preconiza o livro então? A obra caracterizaria-se por ser um elogio ao que o autor chama de “Evangelho de rua sobre o brasileiro n.1”. Avaliando: “O meu livro não retrata um homem, mas, exatamente, uma expressão do momento brasileiro trepidante. Revelo, em cores diferentes, o perfil de uma figura máxima da nacionalidade, que não tem rancores e que coloca o Brasil acima de tudo e de todos.”²⁸⁷ Na quinta página, diz ainda: “O Presidente Vargas precisava de um livro fora dos modelos clássicos que estudam os seus colegas do cenário mundial. Porque ele é, sem dúvida, uma figura ímpar no cenário único que nos interessa – o Brasil.”²⁸⁸ Mas é sobretudo na crítica a ameaça integralista e a defesa do autogolpe do Estado Novo que se presta o livro, idéias defendidas pelo autor:

“O Sr. Getúlio Vargas, de tal sorte encontrou o *crochet* do descaramento, que ficou impedido de governar o Brasil durante esses sete anos, embora estivesse sete anos no cargo de chefe da Nação!”²⁸⁹ “O Sr. Getúlio Vargas, impertubável e grande conhecedor de almas e de homens, não perdia de vista os coleios da tenia voraz que se enroscavam nos intestinos do país... O golpe de 10 de novembro foi o específico revelador desse verme gigantesco, que se

²⁸⁶ PIRES, Pandia. **Não se Compra Entrada na História**. RJ - Distrito Federal: janeiro de 1938. p. 233

²⁸⁷ **Idem.** p. 4-5

²⁸⁸ **Ibid.**, p. 5

²⁸⁹ **Ibid.**, p. 11

nutria das reservas das nossas forças de terra e mar...”.²⁹⁰ “A Vitória do integralismo era a ruína sem remédio porque, de sua fé, ele entregaria o Brasil à única desgraça sem cura: a desilusão ! Só esse serviço prestado a Nação daria ao Sr. Getúlio Vargas todos os *habeas corpus* pelos erros que ele, daqui por diante, viesse a cometer. Não se compra entrada na história. Entra nela de um salto.”²⁹¹ “Mas o que fez em um dia o Sr. Getúlio Vargas ? (...) Façamos a síntese: Acabou com as bandeirolas determinantes de um regionalismo que só ao estrangeiro poderia aproveitar.”²⁹²

Por conseguinte, Pandia Pires defende e enumera vinte itens que foram dispositivos do auto-golpe de 1937, como a queima das bandeiras; a extinção das barreiras alfandegárias estaduais, com o intuito de integrar o país economicamente; o fortalecimento do estado centralizador e unitário em detrimento das oligarquias estaduais; nacionalização de reservas naturais e minerais, fechamento de parlamento estaduais e de partidos políticos contrários a nação (no caso, contrários ao regime), etc. Assim sendo, é interessante supor que Seth tivesse conhecimento dessas mudanças e concordasse com algumas delas, pois a própria capa desse livro e os desenhos patrióticos à Vargas em “O Brasil pela Imagem”, sobretudo da implantação do Estado Novo, sustentam essa hipótese. Ademais, Seth tinha ciência que a partir de novembro de 1937 vivíamos sob um regime de exceção, pois se em “Meu Brasil – Mapas Ilustrados...” situa a efigie do Presidente Vargas (fig. 58) como “Chefe do Governo após a Revolução de 1930 – Eleito Presidente Constitucional para 1934-1938”, em “O Brasil pela Imagem”, capítulo “10 de novembro de 1937 – Proclamação do Presidente Vargas ao Povo”, transcreve o discurso do presidente, em que afirma: “O Homem de Estado quando as circunstâncias impõem uma decisão excepcional, de amplas repercussões e profundos efeitos na vida do país, acima das deliberações ordinárias da atividade governamental, não pode fugir ao dever de tomá-la, assumindo, perante a sua consciência e a consciência dos seus concidadãos, as responsabilidades inerentes à alta função que lhe foi delegada pela confiança nacional.”²⁹³ Complementando:

²⁹⁰ **Ibid.**, p. 13/14

²⁹¹ **Ibid.**, p. 17

²⁹² **Ibid.** p. 185

²⁹³ SETH. **O Brasil pela Imagem**. RJ: Indústria do Livro, 1943. p. 186

“A investidura na suprema direção dos negócios públicos não envolve, apenas, a obrigação de cuidar e prover as necessidades imediatas e comuns da administração. As exigências do momento histórico e as solicitações do interesse coletivo reclamam, por vezes, imperiosamente, a adoção de medidas que afetam os pressupostos e convenções do regime, os próprios quadros institucionais, os processos e métodos de governo.

Por certo, essa situação especialíssima só se caracteriza sob aspectos graves e decisivos, nos períodos de profunda perturbação política, econômica e social.

Prestigiado pela confiança das forças armadas e correspondendo aos generalizados apelos dos meus concidadãos, só acedí em sacrificar o justo repouso a que tinha direito, ocupando a posição em que me encontro, com o firme propósito de continuar servindo a Nação.

Presidente GETULIO VARGAS (Discurso à Nação, pronunciado do Palácio Guanabara, em 10 de Novembro de 1937)²⁹⁴

Sobre os depoimentos de historiadores e cientistas políticos, para perceber o que pode ter significado a liderança de Vargas na história para os brasileiros, temos inicialmente a opinião do cientista político Renato Lessa, extraído do texto “Dois legados que mudaram o País”. Para ele, dois aspectos da história de Getúlio Vargas devem ser destacados como legados. O primeiro deles tem a ver com 1930, um movimento sem paralelo na história brasileira recente:

“Durante muito tempo, discutimos a respeito do caráter ‘verdadeiramente revolucionário’ da Revolução de 1930. Hoje, não tenho dúvidas: ali foi abolido o regime das capitâncias hereditárias. (...) 1930 é o contraponto do particularismo e da autarquia oligárquicas. Ainda que a cultura coronelística não tenha desaparecido, uma nova idéia de espaço público acabou por emergir, inscrita na fisionomia de um Estado unitário que impôs-se à nação. O segundo legado remete-nos ao tema do trabalhismo e à República de 1946, precocemente destruída pelo equívoco de 1964. É bem verdade que ambas possuíam como legado próprio a legislação social e trabalhista, introduzida durante o Estado Novo.”²⁹⁵

Assim, não é de se estranhar que determinadas obras, como “A Queima das Bandeiras” (fig.90) e “A Revolução de 1930 – O Presidente Vargas, Chefe da Revolução, aclamado pelo Povo diante do Palácio do Catete” (fig. 91), enaltecida

²⁹⁴ **Idem.**, p. 186

²⁹⁵ LESSA, Renato. Dois legados que mudaram o País. In: **O Globo**, 22 de agosto de 2004, p. 12

por Seth na sua obra histórica, estavam dentro do espírito da época. Por sinal, é importante ressaltar, conforme o próprio depoimento do caricaturista, que Seth foi a favor da Revolução de 1930, para ele, “um movimento que todo o país almejava”.

Renato Lessa, apesar de reconhecer que “o legado de Vargas não pode fazer economia do que foi o Estado Novo no capítulo das liberdades públicas”, do seu “experimento repressivo”, vai além considerando que Vargas acabou vitimado por uma historiografia negativa, “devotada à pesarosa narrativa do que não teríamos sido capazes de ser. Segundo essa original arte, vivemos sob uma longa ilusão coletiva: teria sido ‘falsa’ a nossa Independência, uma ‘impostura’ a Abolição e ‘cômica’ a República. Da mesma forma, o regime de 1946 teria sido uma democracia ilusória, sem verdadeiros partidos ou sindicatos.”²⁹⁶ Porém, para ele, o trabalhismo como forma política e social pertence, portanto, ao universo da República de 1946: “Trata-se de um momento digno na história brasileira, no qual o tema dos direitos sociais associou-se ao da democracia política. Nesse sentido, ousou dizer: bons tempos.”²⁹⁷

Para a socióloga Lúcia Lippi de Oliveira, Vargas foi o primeiro presidente a entender que a cultura era um poderoso instrumento de política de massa: “Para construir o brasileiro novo, o trabalhador de carteira assinada, era preciso um novo modelo cultural. Esse modelo tinha dois pilares: o Ministério da Educação, comandado por Gustavo Capanema, com Carlos Drummond de Andrade de chefe de gabinete, e o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que, no decorrer do Estado Novo, assumiria a tarefa de censurar.”²⁹⁸ Complementando:

“Os pensadores da época consideravam que o governo Vargas seria, para a política, o que a Semana de Arte Moderna representara para a cultura. Tanto que os grandes nomes da época, de uma forma ou de outra, trabalharam para ele. Sob a égide de Vargas surgiram o Instituto Nacional do Cinema Educativo, o Instituto Nacional do Livro, o Museu Nacional de Belas Artes, o Serviço Nacional de Teatro e o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Capanema, por sua vez, trabalhou com os arquitetos Lúcio Costa e Oscar Niemeyer e com os pintores Di Cavalcanti e Portinari. Na revista “Cultura Política”, ligada ao DIP, escreveram Gilberto Freyre,

²⁹⁶ **Idem.**, p. 12

²⁹⁷ **Ibid.**, p. 12

²⁹⁸ OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. In: Ideais Modernistas na Política Cultural. **O Globo**, 22 de agosto de 2004, p.13

Manoel Bandeira e Graciliano Ramos, que fora preso pela ditadura Vargas.”²⁹⁹

A historiadora Marly Silva da Motta considera que o Rio era uma cidade muito politizada e os presidentes da República Velha morriam de medo. Rodrigues Alves chegou a propor a transferência da capital para Guaratinguetá (SP), enquanto que Vargas percebeu que podia usar o Rio a seu favor. Marly acredita que Vargas foi o primeiro presidente a governar para a cidade e não para o campo, como faziam seus antecessores, fazendeiros paulistas e mineiros da chamada "Política do café-com-leite".³⁰⁰ Fundou a Rádio Nacional em 1936, estimulou a música e o cinema e promoveu grandes espetáculos cívicos no Estádio de São Januário, como a parada do Dia do Trabalho, em 1º de Maio, e o Dia da Raça, comemorado no dia 4 de setembro. Assim, Marly Silva formula: “Ele transformou o Rio no foco irradiador de seu projeto para o país.”³⁰¹

O historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva acredita que o espetáculo elaborado por ele fez parte do espírito da época. Ao estimular a cultura nacional e fazer do Rio sua vitrine, o presidente estava se defendendo: “Civilizações muito antigas estavam ameaçadas. A China era atacada pelo Japão, a Áustria e a Polônia pelos nazistas. A criação de uma cultura nacional era uma forma de defesa num mundo violento. O nacionalismo vira arma para Hitler e Mussolini, mas também para os Estados Unidos, onde Roosevelt envia fotografos para os quatro cantos do país e estimula a arte. O Rio de Janeiro vai ser a sede deste bunker cultural.”³⁰² Aqui, segundo Francisco Carlos Teixeira, “vai ser elaborado um ponto crucial da criação desta identidade brasileira: a valorização do negro.”³⁰³ Complementando:

“Enquanto a República Velha pregava o embranquecimento do país através dos imigrantes europeus, Vargas fazia questão de crianças negras nos desfiles pela cidade. Este novo ‘homem brasileiro’ vai ser retratado nos murais de Portinari e nas ilustrações de livros didáticos.

²⁹⁹ **Idem.**, p. 13

³⁰⁰ MOTTA, Marly Silva da. In: LAMEGO, Claudia & NAME, Daniela. Rio, Cidade - espetáculo do poder. **O Globo**. 22 de agosto de 2004. p.14

³⁰¹ **Idem.**, p. 14

³⁰² SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. In: LAMEGO, Claudia & NAME, Daniela. Rio, Cidade- espetáculo do poder. **O Globo**. 22 de agosto de 2004. p.14

³⁰³ **Idem.**, p. 14

Obras importantes como ‘Casa Grande & Senzala’, de Gilberto Freyre, e ‘Raízes do Brasil’, de Sergio Buarque de Hollanda, vão ser usadas para reforçar, respectivamente, as idéias do país mestiço e do brasileiro ‘cordial’, muito embora a cordialidade de Buarque de Hollanda não tivesse nada a ver com passividade.”³⁰⁴

A relação ambígua entre um governo autoritário e um grupo de intelectuais modernistas que cantava a liberdade de pensamento é, no mínimo, curiosa. Eles estavam presentes como consultores, formadores de projetos, defensores de propostas educativas ou autores de programas de governo. Durante os 11 anos de sua gestão, Gustavo Capanema, Ministro da Educação de Vargas, contou com a participação e a fidelidade do seu chefe de gabinete, o poeta Carlos Drummond de Andrade, além da colaboração de outros nomes ilustres da cultura, da literatura, da arquitetura e da música nacionais, como Mário de Andrade, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Anísio Teixeira, Cândido Portinari, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, Heitor Villa-Lobos, Manuel Bandeira, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. Para a historiadora Helena Maria Bousquet Bomeny, em “Tempos de Capanema”: “Esses intelectuais, entretanto, não estavam vendidos ao Estado Novo; foram chamados para fazer o que sabiam. A participação dos intelectuais na vida nacional parecia respaldar-se mais na crença de que eles eram uma elite capaz de ‘salvar’ o País, por estarem sintonizados com as novas tendências do mundo e atentos às diversas manifestações da cultura popular. Afinal, em suas obras, tratavam de questões sociais que estavam na ordem do dia, além de participar do debate político-ideológico entre a direita e a esquerda que mobilizava o mundo.”³⁰⁵ Tal visão também é compartilhada por Sérgio Miceli, em “Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)”, como já afirmamos anteriormente, sobre a inserção de Seth nessa geração:

“Diante dos dilemas de toda ordem com que se debatiam por força de sua filiação ao regime autoritário que remunerava seus serviços, buscaram minimizar os favores da cooptação se lhes contrapondo uma produção intelectual fundada em àlbis nacionalistas. Pelo que diziam, o fato de serem servidores do Estado lhes concedia melhores condições para a feitura de obras que tomassem o pulso da Nação e cuja validade se embebia dos anseios de expressão da coletividade e não das demandas feitas por qualquer grupo dirigente. Dando sequência à

³⁰⁴ **Ibid.**, p. 14

³⁰⁵ BOMENY, Helena Maria Bousquet. In: BRAGA, Regina Stela. Contradições e paixões Oficiais. **RioArtes** n° 40. RJ: novembro de 2004, p. 23.

postura inaugurada pelos modernistas, esses intelectuais cooptados se autodefinem como porta-vozes do conjunto da sociedade, passando a empregar como crivos de avaliação de suas obras os indicadores capazes de atestar a voltagem de seus laços com as primícias da nacionalidade.”³⁰⁶

A literatura da época, por exemplo, aprofunda a temática da cultura negra, indígena e caipira. O romance regionalista criticava valores da sociedade patriarcal e oligárquica, identificados com o passado, procurando retratar a vida do homem comum das cidades e dos sertões. Foi nos anos 1930 que Gilberto Freyre fez o retrato da sociedade nordestina, Cassiano Ricardo defendeu a sociedade paulista como modelo para a democracia brasileira e Alceu Amoroso Lima encontrou em Minas Gerais traços do espírito de família e de religiosidade que seriam, segundo ele, os verdadeiros valores da civilização brasileira. Regina Stela Braga, em “Contradições e paixões Oficiais”, transcreve juízo de Helena Bomeny, para quem o ministério Capanema ficou conhecido também pelas grandes reformas que promoveu na Educação:

“Projetos iniciados na gestão de Francisco Campos foram amadurecidos e implementados. Entre eles destacam-se a reforma do ensino secundário e o grande projeto de reforma universitária, que resultou na criação da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. Merecem destaque, ainda, a criação do Instituto Nacional do Livro e a construção do edifício-sede do Ministério da Educação no Rio de Janeiro, marco da moderna arquitetura brasileira, com painéis de autoria de Cândido Portinari.”³⁰⁷

O edifício do Ministério da Educação, construído durante a gestão de Capanema seguindo as linhas modernistas de Le Corbusier e muito criticado pelos conservadores, ficou conhecido para a posteridade como a imagem de um ministro esclarecido, de idéias avançadas para o seu tempo, defensor da cultura e das artes. É do escritor e memorialista Pedro Nava a seguinte entrevista a Helena Maria Bomeny, em janeiro de 1983:

“Sem o prédio do Ministério da Educação (recebido na ocasião como obra de um mentecapto) não teríamos a projeção que tiveram na

³⁰⁶ MICELI, Sérgio. **Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979. p.159

³⁰⁷ BOMENY, Helena Maria Bousquet. In: BRAGA, Regina Stela. **Contradições e paixões Oficiais**. **RioArtes** n° 40. RJ: novembro de 2004, p. 23

época Lúcio Costa, Niemeyer, Carlos Leão e Cândido Portinari. Foram entendidos por Capanema e seus auxiliares próximos (Drummond, Rodrigo, Mário de Andrade e outros). Sem essa compreensão, não teríamos tido a Pampulha, concepção paisagística e arquitetônica prestigiada pelo imenso Kubitschek. Sem Pampulha não teríamos tido Brasília, do mesmo Juscelino Kubitschek, que desviou nosso curso histórico levando o Brasil para o seu Oeste. A raiz de tudo isso, a semente geradora, o adubo nutridor estão na inteligência de Capanema e de seus auxiliares de gabinete.”³⁰⁸

Helena Maria Bomeny, entretanto, lembra que o mesmo Capanema era também um ministro comprometido com um projeto educacional nacionalista e conservador. Assim, a gestão de Capanema seria também, inevitavelmente, marcada pelos efeitos da política autoritária e centralista do Estado Novo. Em 1939, a Universidade do Distrito Federal foi fechada e houve uma forte ação repressiva contra as escolas mantidas pelas colônias alemãs no sul do País. Mais de duas mil unidades encerraram suas atividades, principalmente a partir de 1942, quando o Brasil rompeu relações com a Alemanha. Estava em curso "a nacionalização do ensino". Os amigos intelectuais de Capanema nem sempre concordavam com essas medidas.

Já em 1932, no governo provisório, Getúlio havia previsto que o Ministério da Educação deveria ter um papel educacional e orientador, sobretudo pela radiodifusão e pelo cinema. Com a criação do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural - o DIP -, ligado diretamente ao Poder Executivo, em julho de 1934, ainda em seu governo constitucional, traçou as linhas mestras da sua política cultural voltada para as camadas populares e retirou do Ministério da Educação tanto o rádio quanto o cinema.

A partir de 10 de novembro de 1937, com o auto-golpe, a ideologia do Estado Novo era amplamente divulgada por meio de filmes informativos de projeção obrigatória nos cinemas (os "jornais nacionais"), nos noticiários, em cartazes e até mesmo em cartilhas para crianças. Na rede pública de ensino, foram implantados instrumentos que possibilitaram divulgar a imagem e as idéias do presidente, com a introdução da disciplina de Educação Moral e Cívica e a transmissão de programas de rádio. As manifestações artísticas que pudessem

³⁰⁸ NAVA, Pedro. In: BOMENY, Helena Maria Bousquet. BRAGA, Regina Stela. *Contradições e paixões Oficiais*. **RioArtes** n° 40. RJ: novembro de 2004, p. 23/24

contrariar o regime eram duramente censuradas. Na área cultural, o DIP apoiou e desenvolveu projetos conjuntos com o governo americano, principalmente na área de cinema.

Regina Stela Braga, em “Contradições e paixões Oficiais”, lembra então: “Não foram poucas as divergências entre Capanema e Lourival Fontes, o diretor do DIP. Após acirradas discussões entre o ministro e o presidente sobre a centralização do poder no DIP, ficou definido que este passaria a cuidar apenas da ‘cultura de massa’, ou seja, dos meios de comunicação e da cultura popular, enquanto caberia ao Ministério da Educação atuar na área da chamada ‘cultura erudita’.”³⁰⁹

Angela de Castro Gomes, em “História e Historiadores”, preconiza por sua vez, que, como D. Pedro II, Getúlio Vargas animava-se do mesmo desejo legitimador e assumia as mesmas funções de mecenato, mas partia de uma situação em que já havia todo um conjunto de realizações acumulado ao longo de um tempo, definido pela memória coletiva como “vida nacional”. Dessa forma, tratava-se estrategicamente de recriar essa tradição, relendo-a com a perspectiva futura do regime então vigente.³¹⁰ Este não era, portanto, um esforço menos criador, mas tinha outros parâmetros e, sobretudo, outro alcance político e cultural. Lembra então que em 1838 era criado no Brasil o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Sob os auspícios do imperador e a inspiração de Francisco Adolfo Varnhagen, o instituto deveria dedicar-se à escrita da história do país, num processo simultâneo de construção dessa história e de afirmação do papel do Estado como criador e garantidor de nossa nacionalidade. Essa verdadeira simbiose entre historiografia e Estado, já assinalada pela leitura acadêmica, só faria crescer nas décadas seguintes com a consolidação do poder monárquico.³¹¹

Um século após esses acontecimentos, no início de 1941, Getúlio Vargas, então chefe do Estado Novo, toma algumas iniciativas paradigmáticas. Dando prosseguimento a uma projeto de propaganda governamental mais nitidamente conformado pela criação, em 1939, do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), define uma das prioridades do órgão: a proposta política do novo regime.³¹²

³⁰⁹ BRAGA, Regina Stela. *Contradições e paixões Oficiais*. **RioArtes** nº 40. RJ: novembro de 2004, p. 24

³¹⁰ GOMES, Angela de Castro. **História e Historiadores**. 2ª edição. RJ: Fund. Getúlio Vargas, 1999, p. 17

³¹¹ **Idem.**, p. 15

³¹² **Ibid.**, p. 15

Seria, em princípio, nesses contextos que a produção de uma “nova” legitimidade se imporia aos novos Estados, na medida em que se trataria de garantir, em escala ampliada, a identificação do “povo” com a nação, representada pelo Estado. Naturalmente essa produção de uma “consciência nacional” materializar-se-ia em uma “engenharia social ideológica consciente e deliberada” por parte do Estado, que usaria predominantemente toda uma moderna “maquinaria de comunicação”, como destaque para as escolas primárias e secundárias e, sem dúvida, com o passar do tempo, para os variados meios de comunicação de massa.

Para Angela de Castro Gomes, a hipótese é que, no Brasil, esse momento estratégico de transição teria ocorrido durante o Estado Novo, mais especificamente em inícios dos anos 1940, quando há uma reestruturação do aparelho de Estado. É nesse sentido específico que se procurará distinguir as iniciativas de Vargas das de D. Pedro II ou de qualquer político que o tenha antecedido no esforço permanente de construção-legitimação de uma consciência nacional no país.³¹³

Assim, é interessante notar que em “O Brasil pela Imagem”, que abrange desde o descobrimento do Brasil até o Brasil republicano, os desenhos de Seth nos capítulos sobre o Estado Nacional nos anos 1930 apresentavam uma visão patriótica de Vargas. A trajetória de Seth e a criação de sua obra naquele momento histórico, bem explica o interesse do ministério Vargas por uma obra de natureza histórica como “O Brasil pela Imagem”, que vislumbrava a história e o passado da nação, e inseria e recriava o curso da história, colocando o Governo Vargas em seu eixo central.

Angela de Castro Gomes defende a tese de que os anos do Estado Novo são, indubitavelmente, não só um período fundamental de nossa história política e econômica, por suas marcantes realizações, como também um período crucial de nossa história intelectual, pela efetiva e consistente política cultural implementada. “É assim que compreendemos o processo de produção-divulgação de uma história da História do Brasil durante o Estado Novo – como um capítulo dessa política cultural mais abrangente e, principalmente, como um investimento

³¹³ **Ibid.**, p. 20

intelectual que se justifica pelo momento-chave que o processo de constituição do Estado nacional no Brasil atravessava” – sintetiza.³¹⁴

Para ela, projetar o Estado nacional significa construir uma “nova” nação, o que se faz através de um “novo” modelo técnico-administrativo de Estado:

“É exatamente nesses períodos que a atenção dos que dirigem o aparelho de Estado busca uma ‘nova’ legitimidade, voltando-se para a mobilização de recursos simbólicos considerados essenciais, e de forma alguma secundários ou reflexos da realização de seus projetos, sobretudo quando estes assumem uma perspectiva de longo prazo. Era o que ocorria no Estado Novo, que, buscando demarcar ‘seu’ lugar na história, precisava refazer o próprio ‘sentido’ da história do país. Para tanto, tornava-se imprescindível a ação de especialistas de recuperá-la e divulgá-la, não só através do sistema de educação formal, que então se ampliava enormemente para os parâmetros da época, como também através de uma política cultural destinada a um público muito mais amplo, e em princípio fora do alcance desse sistema escolar. Projetar um novo Estado era, assim, investir na produção da lealdade-legitimidade, que englobaria os futuros cidadãos e, sem dúvida, aqueles já definidos (ou ao menos potencialmente definidos) como rememoração. Seria básica a realização de um processo de ‘narração’ da história, que identificasse os acontecimentos, os personagens e ‘os sentidos’ de seus atos.”³¹⁵

Assim, podemos dizer que a obra “O Brasil pela Imagem” justifica, no dizer de Angela de Castro Gomes, o momento-chave que o processo de constituição do Estado nacional no Brasil atravessava à época, e ainda pelo significado de construir uma “nova” nação, o que se faz através de um “novo” modelo técnico-administrativo de Estado. Com esse intuito e imbuído desse espírito, Seth registra a instauração do novo regime em 1937, capítulo “10 de Novembro de 1937 – Proclamação do Presidente Vargas ao Povo”; em “A Queima das Bandeiras...”, sacraliza uma das representações ideológicas do Estado Novo; e no último desenho, acompanhado do discurso pronunciado pelo Presidente Getúlio Vargas, em Volta Redonda, em 7 de maio de 1943, capítulo “O Brasil Industrial – Preparação da Grande Usina Siderúrgica de Volta Redonda – 1943” (fig. 92), faz o enaltecimento de um “novo” modelo técnico-administrativo de Estado, consubstanciado na criação dessa grande Usina.

³¹⁴ **Ibid.**, p. 22

³¹⁵ **Ibid.**, p. 22/23.

Por outro lado, cabe assim, ainda, uma breve análise comparativa entre O Brasil pela Imagem e o livro “Não se Compra Entrada na História”, com os manuais históricos lançados pelo DIP.

Como já dissemos o DIP não ocupava todos os espaços da atividade intelectual brasileira, pois a presença de Gustavo Capanema estabeleceu uma dualidade de orientação cultural, surgindo uma divisão de trabalhos, pelo qual o DIP controlava os meios de comunicação e a cultura popular, e o segundo dirigia a “cultura erudita”.

O Estado Novo, por conseguinte, deu maior incentivo ao programa de propaganda política e de festas cívicas, que engrandeciam o nome de Vargas e fortaleciam o nacionalismo, dentro de um espírito parecido com o que havia na Itália de Mussolini ou na Espanha de Franco.

É importante lembrar, no dizer de Maria Celina de Araújo, que, por encomenda do governo, ou mesmo espontaneamente, foi surgindo (durante o Estado Novo) uma ampla bibliografia, grande parte dela voltada para o público infantil e estudantil. Nela se contava, de forma épica e idealizada, a vida de Getúlio Vargas, de modo a demonstrar que Vargas estaria, desde menino, dotado de sentimentos nobres e moralmente superiores.³¹⁶ Para ela, nesses livros ressaltava-se que Vargas nascera predestinado a defender os humildes e trabalhadores, que era um gênio nas letras e na matemática, um lutador ao lado dos injustiçados, um defensor da nacionalidade, do estado e dos interesses nacionais. O Estado Novo era apresentado obra de gênio para proteger seu povo.³¹⁷ Para o público infantil tínhamos então obras editadas pelo DIP como “Getúlio Vargas e sua Vida – para a Criança Brasileira”

Outro meio de enaltecer a figura de Vargas eram as biografias, como a intitulada “Sorriso do Presidente”, ou ainda obras de intelectuais renomados,

³¹⁶ ARAÚJO, Maria Celina de. A Era Vargas: dos anos 1930 aos anos 1950. In: **Brasiliana da Biblioteca Nacional**. RJ: Fundação Biblioteca Nacional, 2000. p. 319

³¹⁷ **Ibid.**, p. 319

como a de Azevedo Amaral, de 1941, intitulada Getúlio Vargas estadista, para o público adulto.

Nesse sentido, é importante frisar que a obra de Pandia Pires, “Não se Compra Entrada na História”, seria um livro mais perto do gênero biográfico, atingindo o público adulto, e, em que Seth teve uma participação pontual, nem por isso menos importante, ilustrando a capa. Apesar de ter sido publicada logo no início do Estado Novo, estaria mais próxima dos manuais que o DIP divulgaria posteriormente, com a exacerbada posição elogiosa ao Presidente.

Por outro lado, O Brasil pela Imagem seria um livro que poderia atingir tanto o público juvenil e o público adulto, entretanto, estabelece uma diferença com os manuais históricos do DIP por ser uma obra de cunho mais autoral, mais complexa, com citação de inúmeros historiadores e que abrange todo o espectro da história brasileira desde 1500, não sendo apenas uma obra elogiosa a Getúlio Vargas. Como descrito, nas palavras de Angela de Castro Gomes, a obra vislumbrava o passado da nação, e recriava o curso da história, colocando o Governo Vargas em seu eixo central nos capítulos finais.

Além disso, em decorrências de nossas análises, cabe assinalar também que ambos, Getúlio Vargas e Seth, eram nacionalistas, posto que na obra O Brasil pela Imagem o caricaturista expressa, já no seu prefácio, a sua crença nacionalista. Sobre o nacionalismo de Vargas, no dizer de Maria Celina de Araujo, em “A Era Vargas: dos anos 1930 aos anos 1950”: “O legado de Vargas também é polêmico: por vezes se relewa seu interesse pelo desenvolvimento nacional, e em outras ocasiões se destaca seu pouco apreço pela lei e pelas instituições democráticas”.³¹⁸ Para ela, a Era Vargas foi marcada por planejamento estatal, legislação social, investimentos públicos, precariedade das liberdades públicas, desenvolvimento econômico, e, principalmente, pelo papel do estado como agente econômico e social. No segundo governo Vargas (1951-1954), Getúlio também veiculou que sua principal meta seria o desenvolvimento

³¹⁸ **Ibid.**, p. 315

econômico, baseado em uma política nacionalista, que serviria de antídoto ao comunismo.

Entre outros fatores convergentes entre o caricaturista e o Presidente, podemos apontar, em tese, que ambos tinham como foco de suas estratégias – políticas e artísticas – em sua vinculação com a cidade do Rio de Janeiro, onde há uma superposição entre o Rio capital e o Rio cidade - vide “Flagrantes Cariocas” e o fato de Vargas capitanear as massas trabalhadores da capital para a sua política trabalhista.

Ambos vislumbraram também o rádio como importante fenômeno cultural, reconheceram a importância da história como elo integrador de uma tradição - de nossa tradição -, e perceberam também de forma integracionista o negro como parte integrante de nosso povo. Poderíamos dizer então que tanto a visão caricatural de Seth quanto o Estado Novo, advogavam a absorção do negro na sociedade brasileira – o Estado Novo cooptando-o, trazendo-o para o seu programa e ideologia cívica, da exaltação do mundo do trabalho, visando a transformação social. Mas em Seth essa procedência da valorização do negro é anterior ao Estado Novo, não tendo necessariamente uma correlação sistemática com o regime. Para isso, basta saber que os Flagrantes Cariocas foram criados de 1929 a 1935.

Sobre o rádio, que aparece em obras importantes como “Rádios – Programa de Estúdio”, “Ouvindo rádio...”, “O Rádio por Dentro”, podemos constatar a percepção de Seth acerca da presença da comunicação de massas na vida cotidiana da cidade, que foi posteriormente um dos principais meios de intervenção do Estado Novo de Getúlio Vargas na sociedade.

Mas, contrariamente a J.Carlos e Belmonte, dois caricaturistas brasileiros que eram em essência anti-getulistas, Seth, na história do desenho de humor brasileiro, foi um dos poucos caricaturistas que apoiou publicamente Getúlio Vargas, consubstanciando esse apoio na obra “O Brasil pela Imagem”, e em outras, como “Não se Compra Entrada na História”. A implantação do Estado Novo em 1937 foi um golpe à liberdade de imprensa, e a caricatura, como arma da

liberdade, também foi atingida. Logicamente Seth não era a favor da censura, mas apoiava o Presidente. Se conseguiu agradecer pessoalmente a Getúlio Vargas o patrocínio à sua obra histórica – como no passado conheceu pessoalmente Epitácio Pessoa – é difícil saber, pois embora tenha externado que iria encontrar o Presidente Vargas em pessoa, nossas pesquisas ainda não confirmaram esse encontro pessoal, apesar de sua probabilidade.
